

<p>P. 15 Motivos para estudar filosofia Compreensão do mundo E suas visões</p>	<p>(...) é valioso estudar ao menos um pouco de filosofia, nem que seja por dois motivos bem simples. O primeiro é que, sem ela, nada podemos compreender do mundo em que vivemos. E uma formação das mais esclarecedoras, mais ainda do que a das ciências históricas. Por quê? Simplesmente porque a quase totalidade de nossos pensamentos, de nossas convicções, e também de nossos valores, se inscreve, sem que o saibamos, nas grandes visões do mundo já elaboradas e estruturadas ao longo da história das idéias.</p>
<p>P. 16 Todas nossas Opções resultado de construções metafísicas</p>	<p>A escolha de uma ética antes igualitária que aristocrática, de uma estética antes romântica que clássica, de uma atitude de apego ou desapego às coisas e aos seres em face da morte, a adesão a ideologias políticas autoritárias ou liberais, o amor pela natureza e pelos animais mais do que pelo homens, pelo mundo selvagem mais do que pela civilização, todas essas opções e muitas outras foram inicialmente construções metafísicas antes de se tornarem opiniões oferecidas, como num mercado, ao consumo dos cidadãos.</p>
<p>P. 16 Ajudar a viver melhor</p>	<p>Além do que se ganha em compreensão, conhecimento de si e dos outros por intermédio das grandes obras da tradição, é preciso saber que elas podem simplesmente ajudar a viver melhor e mais livremente.</p>
<p>P. 16/17 Aprender a viver A não temer as faces da morte</p>	<p>(...). Há na filosofia elementos para vencermos os medos que paralisam a vida, e é um erro acreditar que a psicologia poderia, nos dias de hoje, substituí-la. Aprender a viver, aprender a não mais temer em vão as diferentes faces da morte, ou, simplesmente, a superar a banalidade da vida cotidiana, o tédio, o tempo que passa, já era o principal objetivo das escolas da Antiguidade grega.</p>
<p>P. 17 Os questionamentos continuam</p>	<p>(...). As grandes respostas filosóficas dadas desde os primórdios à interrogação sobre como se aprende a viver continuam, ao contrário, presentes. Desse ponto de vista seria preferível comparar a história da filosofia com a das artes, e não com a das ciências:</p>
<p>Capítulo 1 O que é a filosofia?</p>	
<p>P. 18 O que é filosofia?</p>	<p>(...) a pergunta que deveria ser óbvia, "O que é a filosofia?", é uma das mais controversas que conheço. A maioria dos filósofos atuais ainda a discute sem conseguir chegar a um acordo.</p>
<p>P. 19 Redução Da filosofia</p>	<p>(...).Uma das principais extravagâncias do período contemporâneo é reduzir a filosofia a uma simples "reflexão crítica" ou ainda a uma "teoria da argumentação".</p>
<p>P. 19/20 Filosofia: o homem como ser finito Limitado no</p>	<p>(...) uma outra abordagem, (...). Ela parte de uma consideração muito simples, mas na qual se encontra latente a interrogação central de toda filosofia: o ser humano, diferentemente de Deus (...) é mortal ou, para falar como os filósofos, é um "ser finito", limitado no espaço e no tempo. Mas, diferentemente dos animais, é o único que tem consciência de seus limites. Ele sabe que vai morrer e que seus próximos,</p>

tempo e no espaço.	aqueles a quem ama, também. Ele não pode, portanto, evitar interrogar-se sobre essa situação que, <i>a priori</i> , é inquietante, até mesmo absurda e insuportável.
	<i>A finitude humana e a questão da salvação</i>
P. 20 Filosofia	(...) o mais simples, para começar a delimitar o que é a filosofia, ainda é, como você vai ver, situá-la em relação ao projeto religioso.
P. 22 Morte e vida	(...) a morte, ao contrário do que sugere o adágio antigo, possui faces diferentes <i>cuja presença é, paradoxalmente, perceptível no coração mesmo da vida mais viva.</i>
P. 22 Edgar Allan Poe A morte pertence a ordem do nunca mais No cerne da vida o que não....	(...) Edgar Allan Poe, num de seus mais famosos poemas, encarna essa idéia da irreversibilidade do curso da existência num animal sinistro, um corvo empoleirado na beira de uma janela, que só sabe dizer e repetir uma única fórmula: <i>Never more</i> — "nunca mais". Poe quer dizer que a morte designa em geral tudo o que pertence à ordem do "nunca mais". Ela é, <i>no cerne mesmo da vida</i> , o que não voltará mais, o que pertence irreversivelmente ao passado, e que nunca mais poderemos reencontrar.
P. 22 Morte	(...), Tudo o que é da ordem do "nunca mais" pertence ao registro da morte. Você vê o quanto ela está longe de se resumir apenas ao fim da vida biológica.
	<i>Filosofia e religião: dois modos opostos de abordar a questão da salvação</i>
P. 23 Livre pensamento e morte	(...). Por que essa acusação lançada contra o livre pensamento? Por que este também pretende nos salvar, se não da morte, pelo menos das angústias que ela provoca, mas <i>por nossas próprias forças e em virtude apenas de nossa razão.</i>
P. 23 O filósofo Aquele que pensa Vencer medos	(...), o filósofo é antes de tudo aquele que pensa que, se conhecemos o mundo, compreendendo a nós mesmos e compreendendo os outros, tanto quanto nossa inteligência o permite, vamos conseguir, pela lucidez e não por uma fé cega, vencer nossos medos.
P. 24 Filos. e Medic.	(...) Epicuro , (...), define a filosofia como uma "medicina da alma", cujo objetivo último é o de nos fazer compreender que "a morte não deve amedrontar".
P. 24 Epicteto Medo morte	(...) Epicteto, um dos maiores representantes de outra escola filosófica da Grécia antiga, o estoicismo, sobre o qual falarei daqui a pouco, que vai reduzir <i>todas</i> as interrogações filosóficas a uma única e mesma fonte: o medo da morte.
P. 25	(...) aos olhos de todos esses filósofos, o medo da morte nos impede de viver bem.
P. 25 Irreversibilidade Forma de morte passado felicidade?	(...), porque a irreversibilidade do curso das coisas, que é uma forma de morte no interior mesmo da vida, ameaça-nos de sempre nos arrastar para uma dimensão do tempo que corrompe a existência: a do passado, onde se instalam os grandes corruptores da felicidade que são a nostalgia e a culpa, o arrependimento e o remorso.
P. 26 Filósofos gregos Passado e futuro Males que pesam sobre a vida	(...) os filósofos gregos pensavam no passado e no futuro como dois males que pesam sobre a vida humana, dois centros de todas as angústias que vêm estragar a única e exclusiva dimensão da existência que vale a pena ser vivida, simplesmente porque é a única real: a do instante presente. O passado não existe mais, e o futuro ainda não existe, insistiam eles; e, no entanto, vivemos quase toda a nossa vida entre

humana	lembranças e projetos, entre nostalgia e esperança.
P. 27 Diabo e separação	(...) O demônio, (...). É aquele que, no plano espiritual, faz todo o possível para nos <i>separar</i> (<i>dia-bolos</i> significa, em grego, aquele que separa) da relação vertical que liga os verdadeiros crentes a Deus, o único que os salva da desolação e da morte.
P. 28 Filosofias Escapar dos medos primitivos Impedem...	A filosofia — todas as filosofias, por mais divergentes que às vezes sejam nas respostas que tentam oferecer — promete também que podemos escapar dos medos primitivos. Ela tem, pois, em comum com as religiões, pelo menos na origem, a convicção de que a angústia impede de viver bem: ela nos impede não apenas de ser felizes, mas também de ser livres.
P. 28 Temor	(...) não se pode pensar ou agir livremente quando se está paralisado pela surda inquietação que gera, mesmo quando se tornou inconsciente, o temor do irreversível.
P. 28 Filosofia e nossas forças	(...). A filosofia deseja que encontremos uma saída por nossas próprias forças, pela via da simples razão, se pelo menos conseguirmos usá-la como necessário: com precisão, audácia e firmeza.
P. 29	(...). O bem-estar não é o único ideal sobre a Terra. A liberdade também é um ideal.
P. 30 Filosofar confronto	Filosofar, mais que acreditar, é, no fundo (...), preferir a lucidez ao conforto, a liberdade à fé. Trata-se, em certo sentido, é verdade, de "salvar a pele", mas não a qualquer preço.
<i>As três dimensões da filosofia: a inteligência do que é (teoria), a sede de justiça (ética) e a busca da salvação (sabedoria)</i>	
P. 30/ 31 Filosofia Teoria Moral e ética	(...) no centro de toda grande filosofia, (...) ela não poderia se realizar sem passar por uma reflexão aprofundada sobre a inteligência do que é _ o que se chama comumente de "teoria" — assim como sobre o que deveria ser ou o que se deveria fazer — o que se designa habitualmente pelo nome de moral ou ética.
P. 31 Como ocupar o tempo	(...) não deixamos de nos interrogar a respeito de nossa relação com o tempo, sobre como vamos ocupá-lo ou empregá-lo, seja por breve período, hora ou tarde que se aproxima, ou longo, o mês ou o ano em curso.
P. 31 Kant moral e ética	(...). Em Kant, por exemplo, a moral designa o conjunto dos princípios gerais, e a ética, sua aplicação concreta. Outros filósofos ainda concordarão em designar por "moral" a teoria dos deveres para com os outros, e por ética, a doutrina da salvação e da sabedoria.
P. 32 Filósofos e suas filosofias	(...) a equação "mortalidade + consciência de ser mortal" é um coquetel que carrega em germe a fonte de todas as interrogações filosóficas. O filósofo é, antes de tudo, aquele que pensa que não estamos aqui como "turistas", para nos divertir.
P. 32 Primeira tarefa da filosofia	(...) a primeira tarefa da filosofia, a da teoria, consiste em se ter uma idéia do "campo", em se conquistar um mínimo de conhecimento do mundo no qual nossa existência vai se desenvolver.
P. 32 Filosofia e	(...). Toda filosofia digna desse nome parte, pois, das ciências naturais que desvelam a estrutura do universo — a física, a matemática, a biologia etc. —,

<p>estrutura do universo</p> <p>P. 33 Mundo e conhecimento</p> <p>P. 33 Ética pertence a esfera prática da existência</p> <p>P. 33 Filosofia e amor à sabedoria</p> <p>P.38 Conhecer</p> <p>P. 38 Estóicos Theoria Contemplar o que é divino No real</p> <p>P. 38 Estóicos e ordem do mundo</p> <p>P. 39 Theion – ordem do cosmo divino</p> <p>P.39/40 Ordem divina e racional logos</p> <p>P. 41 Ordem lógica operava no caos das coisas</p> <p>P.41 Animismo</p>	<p>mas também das ciências históricas que nos esclarecem tanto sobre sua história quanto sobre a dos homens.</p> <p>Essas duas questões, a da natureza do mundo e a dos instrumentos de conhecimento de que dispõem os humanos, constituem também o essencial da parte <i>teórica</i> da Filosofia.</p> <p>(...) Como viver com o outro, que regras adotar, como nos comportar de modo "vivível", útil, digno, de maneira "justa" em nossas relações com os outros? Essa é a questão da segunda parte da filosofia, a parte não mais teórica, mas prática, a que pertence, em sentido lato, à esfera ética.</p> <p>(...). Se a filosofia, segundo sua etimologia, é "amor" (<i>philo</i>) da sabedoria (<i>sophia</i>), é nesse ponto que ela deve se apagar para dar lugar, tanto quanto possível, à própria sabedoria, que dispensa, é claro, qualquer filosofia.</p> <p style="text-align: center;">Capítulo 2</p> <p style="text-align: center;">Um exemplo de filosofia antiga <i>O amor à sabedoria segundo os estóicos</i></p> <p style="text-align: center;">1. Theoria: a contemplação da ordem cósmica</p> <p>Para nele encontrar lugar, para aprender a nele viver e nele inscrever as ações, é necessário antes conhecer o mundo que nos cerca.</p> <p>(...). Para os estóicos, de fato, a <i>the-oría</i> consiste exatamente em esforçar-se por contemplar o que é "divino" no real que nos cerca. Em outras palavras, a tarefa primeira da filosofia é ver o <i>essencial</i> do mundo, o que nele é mais real, mais importante, mais significativo. Ora, pela tradição que culmina no estoicismo, a essência mais íntima do mundo é a <i>harmonia</i>, a <i>ordem</i>, simultaneamente justa e bela, que os gregos designam pelo nome de <i>cosmos</i>.</p> <p>(...). Para os estóicos, de fato, a estrutura do mundo, ou, se você preferir, a ordem cósmica, não é apenas uma organização magnífica, mas também uma ordem análoga à de um ser vivo.</p> <p>(...). É essa ordem, esse <i>cosmos</i> como tal, essa estrutura ordenada do universo todo que os gregos chamam de "divino" (<i>theion</i>), e não, como para os judeus ou os cristãos, um Ser exterior ao universo, que existiria antes dele e que o teria criado.</p> <p>Pode-se, portanto, dizer que a estrutura do universo não é apenas "divina", perfeita, mas também "racional", de acordo com o que os gregos chamam de <i>logos</i> (termo que dará em francês [como em português] a palavra "lógica") e que designa justamente essa ordenação admirável das coisas.</p> <p>(...) se compreendemos bem os Antigos, o que queriam dizer não tem nada de absurdo: ao afirmar o caráter divino do universo todo, eles exprimiam sua convicção de que uma ordem "lógica" operava por trás do caos aparente das coisas, e que a razão humana poderia trazê-lo à luz.</p> <p>(...) é exatamente essa idéia, segundo a qual o mundo possui uma espécie de alma, que é como um ser vivo, que mais tarde se chamará de "animismo"</p>
---	---

<p>P. 41 Hilozoísmo Matéria viva</p>	<p>(...) "hilozoísmo", que quer dizer, literalmente, que a matéria (<i>hyle</i>) é como um animal (<i>zoon</i>), um ser vivo. É também a essa doutrina que daremos o nome de "panteísmo" (da palavra <i>giegapan</i>, que significa "tudo", e <i>theos</i>, Deus), já que a totalidade do mundo é divina,</p>
<p>P. 42 Natureza e conduta dos homens</p>	<p>(...). É justamente porque a natureza inteira é harmoniosa que em certa medida vai poder servir de modelo de conduta aos homens. Assim, o famoso imperativo segundo o qual é preciso imitá-la em tudo vai poder se aplicar não apenas ao plano estético, da arte, mas também ao da moral e ao da política.</p>
<p>P. 43 Lugar da vida humana na ordem cós mica</p>	<p>(...), sob essa ótica, uma das finalidades últimas da vida humana será encontrar seu justo lugar no seio da ordem cósmica. Para a maioria dos pensadores gregos — com exceção dos epicuristas —, é perseguindo essa busca, ou melhor, realizando essa tarefa, que se pode conquistar a felicidade e a vida boa.</p>
<p>P. 45 Estóicos transcendência na imanência</p>	<p>Podemos, pois, segundo os estóicos, dizer que o divino é "transcendência na imanência", para melhor se perceber em que a <i>theoria</i> é uma contemplação de "coisas divinas" que, embora não inscritas em nenhum outro lugar a não ser no real, não deixam de ser inteiramente estranhas à atividade humana.</p>
<p>P. 45; 46 Theoria revela o mais perfeito e mais real</p>	<p>(...) a <i>theoria</i> da qual nos falamos os estóicos nos desvela, como acabamos de dizer, o mais perfeito e o mais "real" — o mais divino, no sentido grego — no mundo. Com efeito, você vê que o mais real, o mais essencial na descrição do <i>cosmos</i>, é sua ordenação, sua harmonia.</p>
<p>P. 46 Theoria filosófica</p>	<p>(...) a <i>theoria</i> filosófica, (...) tenta captar a essência ou a estrutura interna da totalidade do mundo.</p>
<p>P. 46 Filosofia Busca um sentido Para o mundo</p>	<p>(...), a filosofia não é uma ciência entre outras, e mesmo que ela deva levar em conta os resultados científicos, seu propósito fundamental não é de ordem científica. Ela busca um sentido para este mundo que nos cerca, elementos que nos permitam nele inscrever nossa existência, e não apenas um conhecimento objetivo.</p>
<p>P. 47 Juntar-se ao cosmos Ação justa</p>	<p>(...) juntar-se ou ajustar-se ao <i>cosmos</i>, eis, aos olhos dos estóicos, a palavra de ordem de toda ação justa, o princípio mesmo de toda moral e de toda política. Porque a justiça é primeiramente <i>justeza</i> (...) nos <i>ajustar</i> à ordem harmoniosa e boa que a <i>theoria</i> acaba de nos desvendar.</p>
<p>P. 48 Filósofos cínicos Viver segundo a natureza Sem convenções</p>	<p>(...) os filósofos cínicos tinham um princípio fundamental de conduta que os levava a procurar viver preferencialmente segundo a natureza, e não em função das convenções sociais artificiais das quais eles não deixavam de caçoar. Uma de suas atividades favoritas consistia em perturbar as pessoas na rua, na praça do mercado, em zombar de suas crenças;</p>
<p>P. 50 O que era bom estava em conformidade com a ordem cós mica</p>	<p>Para os Antigos, não apenas a natureza era antes de tudo boa, como também não se convocava absolutamente a vontade de uma maioria de humanos para decidir sobre o bem e o mal, sobre o justo e o injusto, pois os critérios que permitiam distingui-los provinham todos de uma ordem natural, exterior e superior aos homens. Geralmente, o que era bom era o que estava em conformidade com a ordem cósmica, <i>quer se quisesse ou não</i>;</p>

<p>P. 51 Hans Jonas os fins do homem Moram na natureza</p>	<p>(...), Hans Jonas, "os fins do homem moram na natureza", o que quer dizer: os objetivos que os seres humanos deveriam assumir no plano ético se inscrevem, como pensavam os estóicos, na ordem mesma do mundo, de modo que o "dever-ser" — ou seja, o que moralmente é preciso fazer — não está separado do ser, da natureza tal como ela é.</p>
<p>P. 51 Sabedoria</p>	<p>(...) tentativa de se elevar até a sabedoria verdadeira que consiste na abolição de qualquer medo ligado à finitude, à perspectiva do tempo que passa e da morte.</p>
<p>P. 52 Soteriologia Salvação</p>	<p>(...) para os estóicos, assim como para todos os filósofos, há um "além" da moral. No jargão dos filósofos, é o que se chama de "soteriologia", termo que vem do grego <i>soterios</i>, que simplesmente quer dizer "salvação".</p>
<p>P. 52 Homens filósofos</p>	<p>(...) mesmo que todos os seres humanos não se tornem filósofos, todos são, um dia ou outro, tocados pelas questões filosóficas.</p>
<p>P. 52; 53 Hannah Arendt Imortalidade Procriação Realizar ações heróicas</p>	<p>Hannah Arendt, <i>A Crise da Cultura</i> (...) dois modos de aceitar os desafios lançados aos humanos pelo incontornável fato de sua imortalidade, (...). A primeira, inteiramente natural, reside simplesmente na procriação (...). O segundo modo de se escapar é mais elaborado: consiste em realizar ações heróicas e gloriosas que sejam objeto de narrativas, pois o <i>traço escrito</i> tem como principal virtude vencer, de algum modo, a efemeridade do tempo.</p>
<p>P. 54 Homens e a mortalidade</p>	<p>(...) "todas as coisas que devem sua existência ao homem, como suas <i>obras</i>, ações e palavras, são perecíveis, contaminadas, por assim dizer, pela mortalidade de seus autores".</p>
<p>P. 55 Filosofia</p>	<p>Com o nascimento da filosofia, entra em cena um <i>terceiro modo</i> de aceitar os desafios da finitude. Já lhe falei como</p>
<p>P. 55 Estóicos – sábio Justo exercício do pensamento Imortalidade e eternidade</p>	<p>Segundo os estóicos, o sábio poderá, graças a um justo exercício do pensamento e da ação, alcançar certa forma humana, se não de imortalidade, pelo menos de eternidade. Com certeza ele vai morrer, mas a morte não será para ele o fim absoluto de todas as coisas, mas antes uma transformação, uma "passagem", caso se queira, de um estado a outro no seio de um universo cuja perfeição <i>global</i> possui uma estabilidade absoluta, e por isso mesmo divina.</p>
<p>P. 56 A morte não existe verdadeiramente Apenas passagem</p>	<p>(...) tendo chegado a certo nível de sabedoria teórica e prática, o ser humano compreende que a morte não existe verdadeiramente, que ela é apenas a passagem de um estado a outro, não um aniquilamento, mas um modo de ser diferente. Enquanto membros de um <i>cosmos</i> divino e estável, nós também podemos participar dessa estabilidade e dessa divindade.</p>
<p>P. 56 Panteísmo</p>	<p><i>sentido panteísta</i> (...) já que o universo é eterno, e nós mesmos somos chamados a permanecer para sempre um fragmento dele, não cessaremos jamais de existir!</p>
<p>P. 56; 57 Epicteto Objetivo de toda atividade filosófica</p>	<p>(...) segundo Epicteto, o objetivo de <i>toda atividade filosófica</i>, (...) possibilita que cada um de nós conquiste uma vida boa e feliz, ensinando, segundo a bela expressão, "<i>a viver e morrer como um deus</i>"? ou seja: como um ser que, percebendo sua ligação privilegiada com todos os outros no seio da harmonia cósmica, alcança a serenidade, a consciência de que, mortal num sentido, não deixa de ser eterno em outro.</p>
<p>P. 58</p>	<p>(...). Encontra-se outra atestação, não idêntica, é certo, mas análoga, em Aristóteles,</p>

<p>Aristóteles e a vida boa como vida teórica Contemplativa Felicidade Perfeita</p>	<p>quando, num dos momentos mais comentados de seu <i>Ética, a Nicômaco</i>, também ele define a vida boa, a "vida teórica ou contemplativa", como a única que pode nos conduzir à "felicidade perfeita", como uma vida pela qual escaparíamos, ao menos em parte, à condição de simples mortais. Alguns dirão, talvez, que uma "vida desse tipo será por demais elevada para a condição humana: pois não será enquanto homem que se viverá desse modo, mas enquanto algum elemento divino presente em nós"...</p>
<p>P. 59 Filosofia</p>	<p>(...) a filosofia, como o termo indica, não é ainda a sabedoria, mas apenas o amor (<i>philo</i>) à sabedoria (<i>sophia</i>).</p>
<p>P. 59 Relação com o tempo</p>	<p>(...) relação com o tempo, pois, evidentemente, é nele que vêm se aninhar as angústias que alimentam os remorsos e as nostalgias que tocam o passado, e também as esperanças e os projetos que se deseja inscrever no futuro.</p>
<p>P. 60 Estóicos e dois males sobre a existência</p>	<p>(...), os dois males que pesam, na opinião dos estóicos, sobre a existência humana, os dois freios que a paralisam e a impedem de alcançar a plenitude, são a nostalgia e a esperança, o apego ao passado e a preocupação com o futuro. Continuamente eles nos levam a perder o instante presente, nos impedem de viver plenamente.</p>
<p>P. 61 Viver presente</p>	<p>Lembra-te de que <i>cada um de nós só vive no momento presente, no instante. O resto é o passado, ou o obscuro futuro</i>. Pequena é, pois, na verdade, a extensão da vida.</p>
<p>P. 62 Esperança</p>	<p>(...) o estoicismo vai ensinar a seus discípulos a abandonar ideologias que valorizam a esperança. "<i>Esperar um pouco menos, amar um pouco mais</i>"</p>
<p>P. 62 Viver na dimensão do projeto</p>	<p>(...). Vivemos continuamente na dimensão do projeto, correndo atrás de objetivos postos num futuro mais ou menos distante e pensamos, ilusão suprema, que nossa felicidade depende da realização completa de fins medíocres ou grandiosos, pouco importa, que estabelecemos para nós mesmos.</p>
<p>P. 62 Não existe outra realidade além da que é vivida</p>	<p>Esquecemos que não há outra realidade além da que é vivida aqui e agora, e que essa estranha fuga para adiante nos faz com certeza falhar. Assim que o objetivo é alcançado, temos quase sempre a experiência dolorosa da indiferença, ou mesmo da decepção.</p>
<p>P. 63</p>	<p>Sêneca, "enquanto se espera viver, a vida passa".</p>
<p>P. 63 Provérbio budista Viver</p>	<p>(...) segundo um célebre provérbio budista, é preciso aprender a viver como se o instante mais importante da vida fosse aquele que você está vivendo no exato momento, e as pessoas que mais contassem fossem as que estão diante de você.</p>
<p>P. 64 Estóicos e a vida boa</p>	<p>É nessa ótica que os <i>Discursos</i> de Epicteto desenvolvem um dos temas mais famosos do estoicismo (...). A vida boa é a vida sem esperanças e sem temores; é, pois, <i>a vida reconciliada com o que é, a existência que aceita o mundo tal como é.</i></p>
<p><i>Em defesa, do "não-apego"</i></p>	
<p>P. 67 É preciso amá-lo no presente</p>	<p>(...), o fato de que nada é estável neste mundo, que tudo muda e passa, e que não compreender isso é preparar para si mesmo os horríveis tormentos da nostalgia e da esperança. É preciso saber contentar-se com o presente, amá-lo o bastante para não desejar nada além dele, nem lamentar o que quer que seja.</p>
<p>P. 68</p>	<p>(...) é exatamente o que Nietzsche chama, de forma imagética, de "inocência do</p>

Nietzsche Inocência devir	devir". Mas, para se elevar até essa forma de sabedoria, ainda é preciso ter a coragem de pensar a própria vida segundo as categorias do "futuro do pretérito".
P. 68	<i>"Quando a catástrofe acontecer, eu me terei preparado": um pensamento de salvação que se deve inscrever no futuro do pretérito.</i>
P. 68; 69 Viver no presente Aproveitar cada instante da vida	(...) trata-se de viver no presente, afastar de si os remorsos, os arrependimentos e as angústias que cristalizam o passado e o porvir, para aproveitar cada instante da vida como merecido, quer dizer, com plena e total consciência de que, para os mortais que somos, pode ser que seja o último. Portanto, "é preciso realizar cada ação da vida como se fosse a última" (Marco Aurélio, <i>Meditações</i> II, 5, 2).
P. 71 Grandes cosmologias	Não deixa, porém, de ser verdade que não vivemos mais no mundo grego. As grandes cosmologias e, com elas, as "sabedorias do mundo", no que há de fundamental, desapareceram.
Capítulo 3 A vitória do cristianismo sobre a filosofia grega	
P. 74 Salvação	(...) a doutrina cristã da salvação, embora fundamentalmente não filosófica, até mesmo antifilosófica, vai competir com a filosofia grega.
P. 75 Cristianismo	(...), embora a doutrina cristã da salvação não seja filosófica, não deixará de haver, no seio do cristianismo, lugar para o exercício da razão.
P. 75 Cristianismo Filosofia Razão humana	(...) vai haver, no seio do cristianismo, um lugar subalterno e modesto, no entanto real, para um momento de filosofia — se com isso se designa o uso da razão humana destinada a esclarecer e reforçar uma doutrina da salvação que, certamente, continuará, em seu princípio religioso, fundada na fé.
P. 75 Filosofia O que ela não é	(...) não há nada mais esclarecedor para se compreender a filosofia do que compará-la ao que ela não é e ao que ela se opõe radicalmente, embora lhe seja tão próximo, ou seja, a religião!
P.76 Cristianismo Idéias filosóficas modernas	(...) existem no conteúdo do cristianismo — especialmente no plano moral, das idéias que, mesmo para os incrédulos, têm ainda hoje enorme importância — idéias que, uma vez separadas de suas fontes puramente religiosas, vão adquirir tal autonomia que serão retomadas pela filosofia moderna, e mesmo por ateus.
P. 76 Cristãos e suas respostas para a finitude	(...) os cristãos inventaram respostas para as nossas interrogações sobre a finitude, que não têm equivalência entre os gregos; respostas, se ousar dizer, tão "eficientes", tão "tentadoras", que se impuseram a uma boa parte da humanidade como literalmente incontornáveis.
P. 77 Traços	(...) cinco traços fundamentais que estabelecem uma ruptura radical do cristianismo com o mundo grego.
P. 77 Divino – pessoa e fé	I. <i>Theoria</i> : como o divino deixa de se identificar com a ordem cósmica para se encarnar numa pessoa — o Cristo; como a religião nos convida a limitar o uso da razão para dar lugar à fé
P. 77	<i>Primeiro traço, o mais fundamental de todos: o logos que, como vimos, para os</i>

O logos cristão é Cristo	<i>estóicos se confundia com a estrutura impessoal, harmoniosa e divina do cosmos todo, para os cristãos vai se identificar com uma pessoa singular, o Cristo.</i>
P. 78 Logos	(...) o <i>logos</i> , que designava para os estóicos a ordem "lógica" do mundo, se identifique, para os crentes, com o Cristo?
P. 78 Doutrinas da salvação anônimas Para Cristo	(...) o que está em jogo nesse debate aparentemente muito abstrato, para não dizer bizantino, sobre saber onde e em que se encarna o divino — o <i>logos</i> —, se é a estrutura do mundo ou, ao contrário, uma pessoa excepcional, <i>é simplesmente a passagem de uma doutrina da salvação anônima e cega à promessa de que vamos ser salvos não apenas por uma pessoa, o Cristo, mas também enquanto pessoa.</i>
P. 78 Cristianismo	(...) apoiando-se na definição da pessoa humana e num pensamento inédito do amor, o cristianismo vai deixar marcas incomparáveis na história das idéias.
P. 78 Valorização da Pessoa humana	(...) sem essa valorização tipicamente cristã da pessoa humana, do indivíduo como tal, jamais a filosofia dos direitos do homem, à qual damos tanta importância ainda hoje, teria vindo à luz.
P. 79 Verbo	(...) na tradução francesa dos Evangelhos que contam a vida de Jesus, o termo <i>logos</i> , diretamente tomado aos estóicos, é traduzido pela palavra "Verbo"
P. 80 Divino, pessoa singular – Jesus Homem - Deus	(...) o divino, como demonstrei acima, mudou de sentido, <i>não é mais uma estrutura impessoal, mas, ao contrário, uma pessoa singular, a de Jesus, o "Homem-Deus".</i> Mudança de sentido abissal, que vai levar a humanidade européia por um caminho completamente diferente do preconizado pelos gregos.
P. 81 Mudança no modo de contemplá-lo	(...) não é apenas o divino, o <i>theion</i> , que muda completamente ao se tornar um ser pessoal, mas também o <i>orao</i> , o ver, ou, se você assim preferir, o modo de contemplá-lo, de compreendê-lo e aproximar-se dele. A partir daí, não será mais a <i>razão</i> a faculdade teórica por excelência, mas a <i>fé</i> .
P. 81 Fé e razão A verdade não será mais o resultado da fé	<i>(...) a fé vai ocupar o lugar da razão, e mesmo levantar-se contra ela.</i> (...), para os cristãos, o acesso à verdade não passa mais — em todo caso, não em primeiro lugar, como para os filósofos gregos — pelo exercício de uma razão humana que conseguia captar a ordem racional, "lógica", do Todo cósmico, porque ela própria seria um mérito componente dele.
P. 81 Confiança na palavra	(...). O que conta, antes de tudo, não é mais a inteligência, mas a <i>confiança</i> dada à palavra de um homem, o Homem-Deus, o Cristo, que tem a pretensão de ser o filho de Deus, o <i>logos</i> encarnado.
P. 82 Para contemplar Deus, o instrumento teórico é a fé	(...). Para contemplar Deus, o instrumento <i>teórico</i> adequado é a fé, não a razão. Para isso, é preciso depositar confiança na palavra do Cristo que anuncia a "boa-nova": aquela segundo a qual seremos salvos exatamente pela fé, e não por nossas próprias "obras", quer dizer, por nossas ações demasiado humanas, mesmo as mais admiráveis. Não se trata mais tanto <i>de pensar por si mesmo</i> , mas de ter <i>confiança num Outro</i> .
P. 82 Testemunhar e crer	(...). Mas, primordialmente, trata-se de <i>testemunhar e crer</i> , de dizer que o "Verbo encarnado", o Cristo, foi visto "apalpado", tocado, ouvido; que conversaram com ele, e que esse testemunho é digno de fé.

<p>P. 83 Humildade</p>	<p><i>(...) o requisito para se aplicar e praticar convenientemente a nova teoria não é mais o entendimento dos filósofos, mas a humildade das pessoas simples.</i></p>
<p>P. 84 Cristianismo dupla humildade Objetiva Modesto ser humano subjetiva</p>	<p>(...) há, portanto, na religião, uma <i>dupla humildade</i> que se opõe de saída à filosofia grega, e que corresponde, como sempre, aos dois momentos da <i>theoria</i>, ao divino (<i>theion</i>) e ao ver (<i>oraò</i>). Por um lado a humildade, se ousar dizer, "objetiva", de um <i>logos divino</i> que fica "reduzido", com Jesus, ao estatuto de modesto ser humano (o que parece muito pouco para os gregos). Por outro, a humildade "subjetiva" de nosso próprio pensamento que é obrigado pelos crentes a "se soltar", a abandonar a razão para ter confiança, para dar lugar à fé.</p>
<p>P. 86 Dupla humildade divina</p>	<p>(...) dupla humildade (...) a de um Deus que aceita se "rebaixar" até se fazer homem entre os homens; a do crente que renuncia ao uso da razão para depositar toda a confiança na palavra de Jesus, e assim dar lugar à fé...</p>
<p>P. 86/87 Filosofia – serva da religião</p>	<p><i>Quarto traço: (...) nessa perspectiva que atribui primazia à humildade e à fé sobre a razão, o "pensar por meio de Outro" de preferência a "pensar por si mesmo", a filosofia não vai desaparecer inteiramente, mas vai se tornar "serva da religião".</i></p>
<p>P. 87 Existe filosofia cristã?? Verdades reveladas revelação</p>	<p>À pergunta "Existe uma filosofia cristã?" deve se dar uma resposta nuançada. É preciso dizer: não e sim. Não, na medida em que as mais altas verdades são, no cristianismo, bem como nas grandes religiões monoteístas, o que chamamos de "Verdades elevadas", quer dizer, verdades transmitidas pela palavra de um profeta, de um messias, no caso, pela revelação do próprio filho de Deus, o Cristo.</p>
<p>P. 87 Filosofia cristã</p>	<p>Em outro sentido, porém, pode-se, apesar de tudo, afirmar que resta uma atividade filosófica cristã, embora num lugar secundário, que não é o da doutrina da salvação propriamente dita.</p>
<p>P. 88 Século XII atividade filosófica cristã assume importância</p>	<p>(...) a partir de São Tomás, no século XIII, a atividade da filosofia cristã vai se tornar cada vez mais importante. Ela levará à elaboração daquilo que os teólogos vão chamar de "provas da existência de Deus", particularmente a que consiste em tentar mostrar que, por ser o mundo perfeitamente bem-feito — no que os gregos não estavam totalmente errados —, é preciso admitir que existe um criador inteligente de todas essas maravilhas.</p>
<p>P. 88 As verdades reveladas da fé precedem a razão</p>	<p>(...) as verdades reveladas pela fé precedem as verdades da razão. (...) <i>por não ser mais a doutrina da salvação, mas apenas uma serva, a filosofia vai se tornar uma "escolástica", quer dizer, no sentido literal, uma disciplina escolar, não mais uma sabedoria ou uma disciplina de vida.</i></p>
<p>P. 89 História das idéias acompanhada reflexão.</p>	<p>(...). No colégio, bem como na universidade, ela se tornou basicamente uma história das idéias acompanhada de um <i>discurso</i> reflexivo, crítico ou argumentativo. Nesse aspecto, ela continuou sendo uma aprendizagem puramente "discursiva" (quer dizer: da ordem exclusiva do discurso) e, nesse sentido, uma escolástica, contrariamente ao que era na Grécia antiga.</p>
<p>P. 89 Salvação</p>	<p>(...) a doutrina da salvação, fundada na fé e na Revelação, não pertence mais ao domínio da razão.</p>
<p>P. 89 Filosofia deve</p>	<p>(...). Ainda hoje parece óbvio que a filosofia deve, ao mesmo tempo, partir e falar de uma realidade exterior a ela: é a filosofia das ciências, do direito, da linguagem, da</p>

falar de uma realidade exterior	política, da arte, da moral etc., mas quase nunca, sob pena de parecer ridícula ou dogmática, amor à sabedoria.
	II. ÉTICA: Liberdade, Igualdade, Fraternidade – o nascimento da idéia moderna de humanidade.
P. 90 Cristianismo e o plano moral	O cristianismo vai trazer, no plano moral, pelo menos três novas idéias não gregas, ou não essencialmente gregas, todas ligadas à revolução teórica que acabamos de ver em ação. Ora, essas idéias são de uma modernidade espantosa.
P. 90 Mundo grego Aristocrático	(...). O mundo grego era basicamente aristocrático, um universo hierarquizado no qual os melhores por natureza deviam, em princípio, estar “acima”, enquanto se reservavam aos menos bons os níveis inferiores.
P. 90 Cristianismo e humanidade	O cristianismo vai trazer até ela a noção de que a humanidade é fundamentalmente uma e que os homens são iguais em dignidade – idéia incrível na época e da qual nosso universo democrático será em parte herdeiro.
P. 91	(...) três traços característicos da ética cristã, decisivos para sua boa compreensão.
P. 91 Liberdade de escolha	<i>Primeiro traço: a liberdade de escolha, o "livre-arbítrio", se torna fundamento da moral, e a noção de igual dignidade de todos os seres humanos faz sua primeira aparição.</i>
P. 91 Mundo grego	(...), o mundo grego é um mundo aristocrático, quer dizer, um universo que repousa inteiramente sobre a convicção de que existe uma hierarquia natural dos seres .
P. 92 Cristãos talentos naturais	(...) os cristãos, e nisso eles anunciam as morais modernas das quais falarei no próximo capítulo, (...) não tem nenhum sentido. Porque o importante não são os talentos naturais em si, os dons recebidos no nascimento.
P. 92 Cristianismo e ações no plano moral	(...) plano moral, (...), importa apenas o uso que fizermos das qualidades recebidas no início, não as qualidades em si. O que é moral ou imoral é a liberdade de escolha, o que os filósofos vão chamar de “livre-arbítrio”, e, de modo algum, os talentos da natureza enquanto tais.
P. 92 Cristianismo Entramos na meritocracia	(...) com o cristianismo, saímos do universo aristocrático para entrar no da “meritocracia”, quer dizer, num mundo que vai, inicialmente e antes de tudo, valorizar não as qualidades naturais da origem, mas o mérito que cada um desenvolve ao usá-las.
P. 93 Ação livre é virtuosa	(...). Apenas uma ação livre pode ser chamada de virtuosa, não uma coisa da natureza. (...) o “livre-arbítrio” é posto no princípio de todo julgamento sobre a moralidade de um ato.
P. 93 Revolução no plano moral realizada pelo cristianismo	No plano moral, o cristianismo opera, portanto, uma verdadeira revolução na história do pensamento, uma revolução que ainda se fará sentir até na grande Declaração dos Direitos do Homem, de 1789, cuja herança cristã, nesse aspecto, é indubitável. Pois, <i>talvez, pela primeira vez na história da humanidade, é a liberdade e não mais a natureza que se torna o fundamento da moral.</i>
P. 94 Democracia e	(...) ainda hoje o quanto as civilizações que não conheceram o cristianismo têm dificuldade em dar à luz regimes democráticos, porque a idéia de igualdade, em especial,

igualdade	não é evidente para elas.
P. 94 O espírito é mais importante que a letra.	<i>A segunda perturbação está diretamente ligada à primeira: consiste em estabelecer que, no plano moral, o espírito é mais importante do que a letra, o "foro íntimo" mais decisivo do que a observância literal da lei da cidade, que é sempre uma lei exterior.</i>
P. 95 Cristianismo concede enorme lugar/consciência	(...) avaliar tudo o que o cristianismo possui de inovador, não apenas em relação ao mundo grego, porém mais ainda em relação ao mundo judaico. É porque o cristianismo concede esse enorme lugar à consciência, ao espírito, mais do que à letra, que ele não vai impor praticamente nenhuma juridicidade à vida cotidiana.
P. 96 Humanidade	<i>Terceira inovação fundamental: é simplesmente a idéia, moderna de humanidade que entra em cena.</i>
P. 96 Cristianismo e humanidade	Com o cristianismo, porém, a idéia de humanidade adquire uma dimensão nova. Fundada na igual dignidade de todos os seres humanos, ela vai assumir uma conotação ética que não possuía antes.
P. 97 Humanidade	(...). A idéia de uma igual dignidade dos seres humanos vai levar a fazer da humanidade um conceito ético de importância primordial.
P. 97	(...), pode-se dizer que o cristianismo é a primeira moral universalista .
	III. Sabedoria: uma doutrina da salvação pelo amor que nos promete, enfim, a imortalidade pessoal.
P. 98 Cristianismo Revolução	O fundamento da doutrina cristã da salvação está diretamente ligado à revolução teórica que vimos em ação na passagem de uma concepção cósmica a uma concepção pessoal do <i>logos</i> , ou seja, do divino.
P. 98 Logos - Cristo Providência divina	<i>(...) se o logos, o divino, se encarna numa pessoa, a do Cristo, a providência muda de sentido. Ela deixa de ser, como era para os estóicos, um destino anônimo e cego, para se tornar uma atenção pessoal e benigna, comparável à de um pai para com os filhos.</i>
P. 98 Cristianismo imortalidade	(...). É a imortalidade singular que nos será prometida pelo cristianismo, e não mais uma espécie de eternidade anônima e cósmica na qual não somos senão um pequeno fragmento inconsciente de uma totalidade que nos engloba e ultrapassa.
P.101 Sabedoria de Deus	O destino implacável e cego dos Antigos cede lugar à sabedoria benigna de uma pessoa que nos ama como pessoa, nos dois sentidos da expressão. É assim que o amor se torna a chave da salvação.
P. 101	Segundo traço: o amor é mais forte que a morte.
P. 103 Compaixão Benevolência	(...). A compaixão, a benevolência e a solicitude para com os outros, até mesmo para com todas as formas de vida, devem ser a regra ética mais elevada de nosso comportamento.
P. 103	(...) a palavra "monge" vem do grego <i>monos</i> , que quer dizer "solitário". E é na

Monge Solidão	solidão que a sabedoria pode desabrochar, sem ser estragada pêlos tormentos relativos a todas as formas de apego, quaisquer que eles sejam.
P. 105 Pascal Indigno apegar-se aos outros e a si mesmo	(...) Pascal, (...) num fragmento dos <i>Pensamentos</i> (471), as razões pelas quais é indigno não apenas apegar-se aos outros, mas até mesmo permitir que alguém se apegue a si. Eu o aconselho a ler toda esta passagem extremamente reveladora da argumentação cristã desenvolvida contra os apegos por seres finitos e mortais, portanto, decepcionantes em algum momento (...).
P. 107 Mortalidade	<i>Mas quem disse que o homem é mortal? Aí reside fundamentalmente toda a inovação da interrogação cristã.</i>
P. 107 Boa – nova imortalidade	(...) toda a originalidade da mensagem cristã reside justamente na "boa-nova" da imortalidade real, quer dizer, da ressurreição, não apenas a das almas, mas a dos corpos singulares, das pessoas como tais.
P. 108 Ressurreição	<i>Terceiro traço: unta imortalidade enfim singular. A ressurreição dos corpos como ponto culminante da doutrina cristã da salvação.</i>
P. 108 Cristianismo Imortalidade	(...), o cristianismo promete, (...) ao contrário, a imortalidade da pessoa singular. Com sua alma, é certo, mas, sobretudo, com seu corpo, seu rosto, sua voz animada, já que essa pessoa será salva pela graça de Deus.
P. 110 Amor em Deus	(...) a ressurreição que, em última instância, inaugura a terceira forma de amor que é o amor em Deus.
P. 110 Amor em Deus	(...) amor apegado, carnal e pessoal por seres singulares, achegados, e não apenas próximos, <i>desde que esse amor se realize "em Deus", quer dizer, numa perspectiva, de fé que fundamenta a possibilidade de uma ressurreição.</i>
P. 110 Cristo e o amor em Deus	(...). É por e no amor em Deus que o Cristo se revela, fazendo "morrer nossa morte" e "tornando imortal a carne mortal", o único que nos promete que nossa vida de amor não se acabará com a morte terrestre.
P. 110 Ressurreição cristã Imortalidade	(...) a ressurreição cristã oferece a particularidade única de associar estreitamente três temas fundamentais para a doutrina da bem-aventurança: o da imortalidade pessoal da alma, o de uma ressurreição dos corpos — da singularidade dos rostos amados —, o da salvação pelo amor, até mesmo o mais singular, desde que seja amor "em" Deus.
P. 111 Ressurreição Soteriologia cristã Início e fim em relação à vida	A ressurreição é, por assim dizer, o alfa e o ômega da soteriologia cristã: ela é encontrada não apenas ao termo da vida terrestre, mas também em seu começo, conforme testemunha a liturgia do batismo considerada como primeira morte (simbolizada pela imersão) e primeira ressurreição para a vida autêntica, a da comunidade dos seres prometidos à eternidade e, assim, amáveis de um amor que poderá, sem se perder, ser singular.
P. 113 Eficaz	A resposta cristã, pelo menos caso se acredite nela, é seguramente a mais "eficaz" de todas.
P. 113 Soteriologia cristã vencer o medo da	(...) se os seres singulares, não os próximos, mas os achegados, são parte integrante do divino, já que são salvos por Deus e chamados a uma ressurreição também singular, a soteriologia cristã surge como a única que nos permite vencer não apenas o medo da morte, mas a própria morte. Agindo de modo singular, e não anônimo ou

<p>morte – também a morte</p> <p>P. 114 A morte é vencida imortalidade</p> <p>P. 115 Filosofia antiga base da doutrina da salvação estoicos</p> <p>P. 115 Mundo moderno</p> <p>P. 116 Homem e mundo se volatilizaram confusão</p> <p>P. 117 Ciência Moderna convoca a uma atitude de dúvida</p> <p>P. 117 Humanismo período em que o homem se encontra só</p> <p>P. 118</p> <p>P. 119 Onde encontrar novos princípios</p> <p>P. 120 complexidade</p> <p>P. 121 Gregos antigos imutabilidade celeste</p> <p>P. 121</p>	<p>abstra-to, só a resposta cristã apresenta aos homens a boa-nova, por fim efetivamente realizada, de uma vitória da imortalidade pessoal sobre nossa condição de mortais.</p> <p>(...). É então <i>a própria morte, e não apenas os medos que ela provoca em nós</i>, que finalmente é vencida. A imortalidade não é mais a do estoicismo, anônima e cósmica, mas a individual e consciente da ressurreição das almas acompanhadas de seus corpos "gloriosos".</p> <p style="text-align: center;">Capítulo 4 O humanismo ou o nascimento da filosofia moderna</p> <p>(...) a filosofia antiga constituiu a base da doutrina da salvação, levando em consideração o <i>cosmos</i>. (...) escolas estoicas, para ser salvo, para vencer o medo da morte, seria necessário primeiramente esforçar-se para compreender a ordem cósmica; em seguida, fazer tudo para imitá-la e finalmente fundir-se nela, aí encontrar seu lugar e assim alcançar uma forma de eternidade.</p> <p>O mundo moderno vai nascer com o desmoronamento da cosmologia antiga e com o nascimento de uma extraordinária reavaliação das autoridades religiosas.</p> <p>(...). Não foi apenas o homem, como se diz às vezes, que "perdeu seu lugar no mundo", mas foi o próprio mundo, pelo menos o <i>cosmos</i> que formava o quadro fechado e harmonioso da existência humana desde a Antiguidade, que se volatilizou, pura e simplesmente deixando os espíritos daquela época num estado de confusão que dificilmente podemos imaginar.</p> <p>(...), não apenas a ciência reavalia as posições que a Igreja havia imprudentemente fixado a respeito de temas nos quais teria sido preferível que ela não tivesse tocado. (...) mas também em seus fundamentos, ela convida os seres humanos a adotar uma atitude permanente de dúvida e de espírito crítico bem pouco compatível, sobretudo na época, com o respeito pelas autoridades religiosas</p> <p>(...) séculos XVI e XVII (...). <i>Desorientados</i>, no sentido literal do termo, os humanos devem ter se preparado para encontrar por si mesmos, e talvez em si mesmos — eis por que falamos de "humanismo" para designar esse período em que o homem se encontra só, privado do socorro do <i>cosmos</i> e de Deus —, as novas referências sem as quais é impossível aprender a viver livremente e sem temor.</p> <p>Alexandre Koyré,</p> <p>(...). Mas se, além disso, o próprio cristianismo vacila em suas bases, se a obediência a Deus não é mais indiscutível, onde procurar os princípios de uma nova concepção das relações entre os homens, um novo fundamento da vida comum?</p> <p>As causas da passagem do mundo fechado ao universo infinito são de extrema complexidade e diversidade.</p> <p>(...) o dogma da "imutabilidade celeste", cara aos Antigos, ou seja, com a idéia de que a perfeição absoluta do <i>cosmos</i> residia no fato de que ele era eterno e imutável, que nada poderia mudá-lo. Para os gregos, era algo de absolutamente essencial — já que, em última instância, a salvação dependia dele</p> <p>O principal livro sobre o assunto, o livro que vai marcar toda a filosofia moderna e</p>
--	---

<p>Crítica da razão Pura de Kant</p> <p>P. 121 Mudanças teóricas na compreensão.</p> <p>P. 122 Nada a priori</p> <p>P. 122 Um sentido humano para o mundo</p> <p>P. 122 Princípio da causalidade</p> <p>P. 122 O sábio moderno</p> <p>P. 123 O pensamento é um agir</p> <p>P. 124 Ciência interpretação de fenômenos</p> <p>P. 125 Kant e o problema da ciência moderna experimental</p> <p>P. 125 Kant – revolução teórica Conseqüências no plano moral O universo de Newton é um mundo de forças Espaço e tempo</p> <p>P. 126 Pensamento moderno</p> <p>P. 126</p>	<p>que permanecerá como verdadeiro monumento na história do pensamento, é a <i>Crítica da Razão Pura</i> de Kant (1781).</p> <p>(...) se o mundo, daí em diante, não é mais um <i>cosmos</i>, mas um caos, um tecido de forças que entram permanentemente em conflito, é claro que o conhecimento não pode mais assumir a forma de uma <i>theoria</i> em sentido próprio. (...) etimologia da palavra: <i>theion orao</i>, "vejo o divino".</p> <p>(...). A ordem, a harmonia, a beleza e a bondade não são mais dadas de imediato, não se inscrevem mais <i>a priori</i> no seio do próprio real.</p> <p>(...) para encontrar alguma coisa coerente, para que o mundo no qual os homens vivem continue a ter mesmo assim um sentido, <i>será necessário que o próprio ser humano, no caso, o sábio, por assim dizer, de fora, introduza a ordem nesse universo que, à primeira vista, não oferece nenhuma.</i></p> <p>(...) o princípio da causalidade, quer dizer, o princípio segundo o qual todo efeito possui uma causa ou, se você preferir, todo fenômeno deve poder se explicar racionalmente, no sentido próprio: encontrar sua razão de ser, sua explicação.;</p> <p>(...) o sábio "moderno" vai tentar introduzir, com a ajuda de tal princípio, coerência e sentido no caos dos fenômenos naturais.</p> <p>(...) o pensamento não é mais um "ver", um <i>orao</i>, como a palavra "teoria" leva a pensar, mas um agir, <i>um trabalho que consiste em ligar fenômenos naturais entre si de modo a que eles se encadeiem e se expliquem uns pelos outros,</i></p> <p>(...) o trabalho da <i>theoria</i> mudou completamente desde os gregos. Não se trata mais de contemplar; a ciência não é mais um espetáculo, mas, como você vê nesse exemplo, um trabalho, uma atividade que consiste em <i>ligar</i> fenômenos; entre si, em <i>associar</i> um efeito (o açúcar) a uma causa (© fígado);</p> <p>(...). Ao se interrogar sobre nossa capacidade de fabricar "sínteses", "juízos sintéticos", Kant simplesmente apresentava o problema da ciência moderna, o problema do método experimental, ou seja, saber como se elaboram as leis que estabelecem associações, <i>ligações</i> coerentes e esclarecedoras <i>entre fenômenos dos quais a ordenação não é mais dada, mas deve ser introduzida por nós, de fora.</i></p> <p>(...) a revolução teórica que Kant inicia vai ter conseqüências consideráveis no plano moral. A nova visão do mundo forjada pela ciência moderna não tem quase mais nada a ver com a dos Antigos. Especialmente o universo que Newton nos descreve não é absolutamente um universo de paz e harmoni. Não é mais uma esfera fechada sobre si mesma como uma casa aconchegante onde seria bom viver desde que tivéssemos encontrado nela nosso justo lugar, mas é um mundo de forças e de choques onde os seres não podem mais se situar verdadeiramente, pelo simples e bom motivo de que, desde então, ele é infinito, sem limites no espaço e no tempo.</p> <p>(...) o pensamento moderno vai colocar o homem no lugar e na posição do <i>cosmos</i> e da divindade. É sobre a idéia de humanidade que os filósofos vão empreender a reconstrução da teoria, da moral e até mesmo das doutrinas da salvação.</p> <p>(...). Ela instala o homem no centro do mundo, enquanto para os gregos era o próprio</p>
--	--

<p>Homem no centro do mundo Igualdade de todos os seres humanos</p>	<p>mundo que era, de longe, essencial. Ela faz dele não apenas o único ser sobre a Terra, verdadeiramente digno de respeito, mas também propõe a igualdade de todos os seres humanos, sejam eles ricos ou pobres, homens ou mulheres, brancos ou negros... Nisso a filosofia moderna, para além das diversidades das correntes que a compõem, é em primeiro lugar e antes de tudo um <i>humanismo</i>.</p>
<p>P. 127 Filósofos modernos definição do animal</p>	<p>(...). Se os filósofos dos séculos XVII e XVIII se apaixonam pela definição do animal, por saber o que distingue essencialmente a humanidade da animalidade, não é por acaso nem por motivos superficiais, <i>mas porque é sempre comparando um ser ao que lhe está mais próximo que melhor se pode delimitar sua "diferença específica", o que propriamente o caracteriza.</i></p>
<p>P. 128 Animal e humanidade</p>	<p>É, pois, partindo do debate sobre o animal e, por conseqüência, sobre a humanidade do homem, que se pode entrar o mais diretamente possível no espaço da filosofia moderna.</p>
<p>P. 128 Rousseau</p>	<p><i>Discurso sobre a Origem da Desigualdade entre os Homens</i>, que Rousseau publicou em 1755.</p>
<p>P. 128 Rousseau e a distinção animal</p>	<p>(...) na época de Rousseau, existiam dois critérios clássicos para distinguir o animal do homem: de um lado, a inteligência; de outro, a sensibilidade, a afetividade, a sociabilidade (o que inclui também a linguagem).</p>
<p>P. 129 Inteligência animal</p>	<p>Para Rousseau, antes de tudo, é evidente que o animal, mesmo que se pareça com uma "máquina engenhosa", como diz Descartes, possui mesmo assim uma inteligência, uma sensibilidade, até mesmo uma faculdade de comunicar.</p>
<p>P. 129; 130 Somente diferimos dos animais pelo grau, mas não de modo radical</p>	<p>(...) só diferimos dos animais pelo grau, do mais ao menos, mas não de modo radical, qualitativo. A etologia contemporânea — quer dizer, a ciência que estuda o comportamento animal — confirma amplamente esse diagnóstico. Sabemos hoje com certeza que existe uma inteligência e uma afetividade animais muito desenvolvidas, podendo mesmo chegar, nos grandes macacos, até a aquisição de elementos de linguagem bastante sofisticados.</p>
<p>P. 130 Rousseau e a liberdade</p>	<p>O critério de diferenciação entre o homem e o animal¹ reside em outro ponto. Rousseau vai situá-lo na liberdade, ou, como exprime por meio de uma palavra que vamos analisar na "perfectibilidade".</p>
<p>P. 130 Humanos faculdade de aperfeiçoamento</p>	<p>(...) essa "perfectibilidade" designa, numa primeira abordagem, <i>a faculdade de se aperfeiçoar ao longo da vida</i>, enquanto o animal, guiado desde a origem e de modo seguro pela natureza, como se dizia na época, pelo "instinto", <i>é, por assim dizer, perfeito "de imediato", desde o nascimento.</i></p>
<p>P. 133 Rousseau e a política moderna Natureza humana e condição humana</p>	<p>(...) Rousseau, por meio de uma fórmula que anuncia toda a política moderna, no homem, "a vontade fala ainda quando a natureza se cala". Poderíamos fazer o seguinte comentário: no animal, a natureza fala o tempo todo e fortemente, tão fortemente que ele não tem a liberdade de fazer nada além de obedecer-lhe. No homem, ao contrário, domina certa indeterminação: a natureza está presente, de fato, e muito, como nos ensinam todos os biólogos.</p>
<p>P. 133</p>	<p>Com efeito, parece que só o ser humano é capaz de se mostrar realmente <i>diabólico</i>.</p>
<p>P. 134</p>	<p>Mas o mal <i>radical</i>, a respeito do qual se pode pensar, na perspectiva de Rousseau,</p>

<p>Humanos fazer uso do mal como projeto P. 136; 137 Antinatural a possibilidade de excesso que esta no homem liberdade</p>	<p>que os animais desconhecem e que é um feito apenas dos humanos, está em outra coisa: ele reside no fato não mais simplesmente de "fazer maldade", <i>mas de fazer uso do mal como projeto</i>, o que não tem nada a ver. É essa vocação antinatural, essa constante possibilidade de excesso que lemos no olho humano: porque ele não reflete apenas a natureza; nele podemos descobrir o pior, mas também, pela mesma razão, o melhor; o mal absoluto e a mais espantosa generosidade. É esse excesso que Rousseau chama de liberdade: é sinal de que não estamos, ou, em todo caso, não inteiramente, aprisionados em nosso programa natural de animal, por outro lado, semelhante aos outros animais.</p>
<p>P. 137 Definição de animalidade e humanidade</p>	<p style="text-align: center;"><i>Três conseqüências maiores da nova definição das diferenças entre animalidade e humanidade: os homens, únicos seres portadores de história, de igual dignidade e de inquietação moral</i></p>
<p>P. 137 Humanos historicidade Natureza e condição humana</p>	<p><i>Primeira conseqüência: os humanos serão, diferentemente dos animais, dotados do que se poderia chamar de dupla historicidade! De um lado, haverá a história do indivíduo, da pessoa, e é o que chamamos habitualmente de educação; de outro, haverá também a história da espécie humana, ou, se você preferir, a história das sociedades humanas, o que habitualmente chamamos de cultura e política.</i></p>
<p>P. 138 Educação e aprendizagem</p>	<p>(...) não se pode confundir aprendizagem e educação: a aprendizagem dura apenas um tempo, e é interrompida assim que o objetivo estabelecido é alcançado, enquanto a educação humana não tem fim e só é interrompida pela morte.</p>
<p>P. 138 historicidade</p>	<p>(...) Rousseau (...) ao falar de liberdade e de perfectibilidade, quer dizer, no fundo, de historicidade.</p>
<p>P. 139 Afastamento da natureza</p>	<p>(...) a perfectibilidade, a historicidade, como queira, é conseqüência direta de uma liberdade em si mesma definida como possibilidade de afastamento em relação à natureza.</p>
<p>P. 139 Livre # de Natureza humana</p>	<p><i>Segunda conseqüência:</i> como diz Sartre — que sem saber repetia Rousseau—, se o homem é livre, então não existe "natureza humana", "essência do homem", definição de humanidade, que precederia e determinara sua existência.</p>
<p>P. 139/140 Animais essência que precede a existência individual</p>	<p>(...). Os animais têm uma "essência" comum à espécie, que precede neles a existência individual: há uma "essência" do gato ou do pombo, um programa natural, o do instinto, de granívoro ou de carnívoro, e esse programa, essa "essência", como queira, é tão perfeitamente comum a toda a espécie que determina a existência particular de cada indivíduo que a ela pertence e é por ela inteiramente determinada.</p>
<p>P. 140 Homem não é predeterminado Emancipar-se</p>	<p>Com o homem, acontece o inverso: nenhuma essência o predetermina, nenhum programa jamais consegue prendê-lo inteiramente, nenhuma categoria o aprisiona tão absolutamente que ele não possa, pelo menos em parte — a da liberdade —, dela se emancipar por pouco que seja. Evidentemente,</p>
<p>P. 140 Existência precede essência</p>	<p>(...) com base na idéia de que não existe natureza humana, que a existência do homem precede sua essência, como diz Sartre, temos uma magnífica crítica ao racismo e ao sexismo.</p>
<p>P. 141</p>	<p>(...) Rousseau (...) já que não há natureza humana, já que nenhum programa natural</p>

<p>O ser humano é livre Não programado P. 141 Porque é livre que o humano é moral</p>	<p>ou social pode prendê-lo totalmente, o ser humano, homem e mulher, é livre, indefinidamente perfectível, e não é absolutamente programado pelas pretensas determinações ligadas à raça ou ao sexo. <i>Terceira conseqüência: é porque é livre, porque não é prisioneiro de nenhum código natural ou histórico determinante que o ser humano é um ser moral. Como poderíamos, aliás, lhe imputar boas ou más ações se ele não fosse de algum modo livre para escolher?</i></p>
<p>P. 142 Kant – Rousseau é o Newton do mundo moral liberdade</p>	<p>Kant disse uma vez que Rousseau era o "Newton do mundo moral". Com isso ele queria particularmente³ dizer que, com sua idéia sobre a liberdade do homem, Rousseau foi para a ética moderna o que Newton tinha sido para a física nova: um pioneiro, um pai fundador sem o qual nunca teríamos podido nos libertar dos princípios antigos, os do <i>cosmos</i> e da divindade.</p>
<p>P. 142</p>	<p><i>A herança de Rousseau: uma definição do homem como "animal desnaturado"</i></p>
<p>P. 142</p>	<p>VERCORS. <i>Os Animais Desnaturados</i>. Tradução de Alcântara Silveira. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1956.</p>
<p>P. 144 Rousseau Animal e homem</p>	<p>(...). <i>O animal e a natureza são um só. O homem e a natureza são dois</i>. Não se poderia traduzir melhor o pensamento de Rousseau: o animal é um ser da natureza, inteiramente confundido com ela; o homem é, ao contrário, um excesso; ele é, por excelência, o ser antinatural.</p>
<p>P. 145 Ética pressupõe um afastamento da natureza</p>	<p>(...). Se a natureza fosse nosso código, nenhum julgamento ético jamais teria vindo à luz. É verdade que vemos humanos se preocuparem com a sorte dos animais, mobilizarem-se, por exemplo, para salvar uma baleia mas, exceto nos contos de fada, alguma vez vimos uma baleia se preocupar com a sorte de um ser humano?</p>
<p>P. 145 Antropologia</p>	<p>Com essa nova "antropologia", essa nova definição do próprio homem, Rousseau vai abrir caminho para o fundamento da filosofia moderna.</p>
<p>P. 145 Moral kantiana</p>	<p><i>A moral kantiana e os fundamentos da idéia republicana: a "boa vontade", a ação desinteressada e a universalidade dos valores</i>.</p>
<p>P. 145/146 Dois pilares da moral kantiana de fundo republicano O desinteresse e a universalidade da moral</p>	<p>Com efeito, é a Kant e aos republicanos franceses que se aproximam dele que caberá expor, de modo sistemático, as duas conseqüências morais mais marcantes da nova definição rousseauiana do homem pela liberdade: a idéia de que a virtude reside na ação ao mesmo tempo desinteressada e orientada não para o interesse particular e egoísta, mas para o bem comum e "universal" , (...) para o que não vale apenas para mim, mas também para todos os outros. São esses os dois principais pilares — o desinteresse e a universalidade — da moral que Kant vai expor em sua famosa <i>Crítica da Razão Prática</i> (1788).</p>
<p>P. 146 Ação verdadeiramente moral</p>	<p>A ação verdadeiramente moral, a ação verdadeiramente "humana" (...) será, primeiramente e antes de tudo, a ação desinteressada, quer dizer, aquela que dá testemunho desse próprio do homem que é a liberdade entendida como faculdade de se libertar da lógica das tendências naturais.</p>
<p>P. 146 Originalidade de Kant é o desinteresse...</p>	<p>O que talvez seja mais marcante nessa nova perspectiva moral, antinatural e antiaristocrática (já que, contrariamente aos talentos naturais, essa capacidade é supostamente igual em cada um de nós) é que o valor ético do desinteresse se impõe a nós com tal evidência, que não nos damos mais o trabalho de pensar nele.</p>

<p>P. 147 Humanismo nascente- virtude e ação desinteressada</p>	<p>(...) do ponto de vista do humanismo nascente, virtude e ação desinteressada são inseparáveis. Ora, é apenas com base numa definição rousseauiana do homem que essa ligação ganha sentido. É preciso, de fato, poder agir livremente, sem ser programado por um código natural ou histórico, para aceder à esfera do desinteresse e da generosidade voluntária.</p>
<p>P. 147 Insistência no ideal de bem comum</p>	<p>A segunda dedução ética fundamental a partir do pensamento rousseauiano está diretamente ligada à primeira: trata-se da insistência no ideal do bem comum, na universalidade das ações morais entendidas como a superação dos exclusivos interesses particulares.</p>
<p>P. 148 Ser livre é a capacidade de afastar-se da natureza conviver com os outros</p>	<p>(...). Mas, se sou livre, se tenho a faculdade de me afastar das exigências de minha natureza, de lhe resistir por menos que seja, então, nesse afastamento e porque eu me distancio por assim dizer de mim, posso me aproximar dos outros para entrar em comunhão com eles e, por que não, levar em consideração suas próprias exigências — o que é, você há de convir, a condição mínima de uma vida comum respeitosa e pacificada.</p>
<p>P. 148 Liberdade, virtude da ação desinteressada.</p>	<p>Liberdade, virtude da ação desinteressada ("boa vontade"), preocupação com o interesse geral: eis as três palavras-chave que definem as modernas morais do dever— do "dever", justamente, porque elas nos ordenam uma resistência, até mesmo um combate contra a naturalidade ou animalidade em nós.</p>
<p>P. 149 Naturalmente</p>	<p>Se fôssemos naturalmente bons, naturalmente orientados para o bem, não haveria necessidade de recorrer a ordens imperativas.</p>
<p>P. 149 Imp. Categórico</p>	<p>(...) o imperativo categórico pede, como se diz para as crianças, “faça um esforço”, para tentarmos continuamente progredir e melhorar;</p>
<p>P. 149 Ética moderna</p>	<p>Os dois momentos da ética moderna - a intenção desinteressada e a universalidade do fim escolhido - se reúnem, assim, na definição do homem como "perfectibilidade".</p>
<p>P. 149 Ética meritocrá.</p>	<p>(...) a ética moderna é fundamentalmente uma ética meritocrática de inspiração democrática; Ela se opõe em tudo às concepções aristocráticas da virtude.</p>
<p>P. 150 Ética meritocrática</p>	<p>(...) a novidade da ética moderna, é, portanto, necessário considerar a grandeza da revolução que representa a idéia da meritocracia em relação às definições antigas, aristocráticas, da virtude.</p>
<p>P. 151 Ética situada sob uma perspectiva antropocêntrica</p>	<p>(...) a questão crucial da ética num universo moderno que abdicou das cosmologias antigas: em que realidade enraizar uma nova ordem; como refazer um mundo coerente entre os humanos, sem para isso recorrer à natureza — que não é mais um <i>cosmos</i> —, nem à divindade, que só vale para os crentes?</p>
<p>P. 151 Humanismo moderno Vontade</p>	<p>Resposta que funda o humanismo moderno tanto no plano moral quanto no político e no jurídico: exclusivamente na vontade dos homens, desde que eles aceitem se restringir a si mesmos, estabelecer seus limites, compreendendo que a liberdade de cada um deve, às vezes, terminar onde começa a liberdade do outro.</p>
<p>P. 151 Kant – reino dos fins – vontade livre dos homens</p>	<p>Essa "segunda natureza", essa coerência inventada e produzida pela vontade livre dos seres humanos em nome de valores comuns, Kant designa "reino dos fins". Por que essa formulação? Simplesmente porque nesse "novo mundo", mundo da vontade e não mais da natureza, os seres humanos serão, enfim, tratados como "fins" e não mais</p>

<p>Seres humanos como fins P. 152 Virtude como prolongamento da natureza</p>	<p>como meios; como seres de dignidade absoluta que não poderiam ser usados para a realização de objetivos pretensamente superiores. (...) as sabedorias cosmológicas definiam de bom grado a virtude ou a excelência como um prolongamento da natureza, como a realização tão perfeita quanto possível para cada ser daquilo que constitui a natureza, e indica, assim, sua "função" ou sua finalidade.</p>
<p>P. 152 Os fins moram na natureza</p>	<p>É, portanto, a natureza que estabelece os fins do homem e à ética sua direção. Nesse sentido, Hans Jonas tem razão ao dizer que, no pensamento antigo da cosmologia, os fins "moram na natureza", se inscrevem nela.</p>
<p>P. 153 Aristocracia</p>	<p>Mesmo que o mundo aristocrático não exclua certo uso da vontade, só um dom natural pode indicar o caminho a ser seguido e eliminar as dificuldades que o cobrem.</p>
<p>P. 153 Perfeição</p>	<p>(...), a justa medida não tem nada a ver com uma posição "centrista" ou moderada, mas, ao contrário, com a perfeição.</p>
<p>P. 154 Ser virtuoso Funciona de acordo com natureza</p>	<p>(...), numa perspectiva aristocrática, tais palavras nada têm de misteriosas: o ser "virtuoso" não é aquele que atinge um certo nível graças a esforços livremente consentidos, mas aquele que funciona bem, e até excelentemente, segundo a natureza e as finalidades que lhe são próprias. E isso vale tanto para as coisas e animais quanto para os seres humanos cuja felicidade está associada a essa realização de si.</p>
<p>P. 154/ 155 Ética cosmológica dos antigos e a ética meritocrática e individualista dos republicanos modernos</p>	<p>(...) a dificuldade para nós, Modernos, vem de que tal leitura cósmica tornou-se impossível, simplesmente por falta do <i>cosmos</i> a ser escrutado e de natureza a ser decodificada. Poderíamos caracterizar assim a oposição cardeal que separa a ética cosmológica dos Antigos da ética meritocrática e individualista dos republicanos modernos, tomando como base a antropologia anunciada por Rousseau: para os Antigos, como acabo de lhe dizer por que, a <i>virtude</i>, entendida como excelência num gênero, não está em oposição à natureza, mas, ao contrário, não é senão uma <i>atualização bem-sucedida das disposições naturais de um ser</i>, uma passagem, como diz Aristóteles, da "potência ao ato".</p>
<p>P. 155 Modernos no plano político</p>	<p>No plano político, esse novo espaço de vida comum terá três marcas características, diretamente opostas ao mundo aristocrático dos Antigos: a igualdade formal, o individualismo e a valorização da idéia de trabalho.</p>
<p>P. 156 Liberdade</p>	<p>(...). Se, ao contrário, situa-se a virtude não mais na natureza, mas na liberdade, então todos os seres se equivalem, e a democracia se impõe.</p>
<p>P. 156 Modernos – apenas os indivíduos contam</p>	<p>(...). Para os Modernos, (...) Apenas o indivíduo conta, de tal modo que, a rigor, uma desordem é melhor do que uma injustiça. Não se tem mais o direito de sacrificar os indivíduos para proteger o Todo, pois o Todo não é nada mais do que a soma dos indivíduos, uma construção ideal na qual cada ser humano, porque é "um fim em si", não pode mais ser tratado como um simples meio.</p>
<p>P. 157 O ser humano assumiu o lugar das entidades antigas</p>	<p>É, pois, o ser humano, ou, como se diz no jargão filosófico, o "sujeito", que desde então assumiu o lugar das entidades antigas, <i>cosmos</i> ou divindade, para se tornar progressivamente o fundamento último de todos os valores morais. É ele, de fato, que aparece como objeto de todas as atenções, como o único ser, afinal, verdadeiramente digno de respeito no sentido moral do termo.</p>
<p>P. 158</p>	<p>(...) é necessário um principio novo, que não pode mais ser o <i>cosmos</i>, nem a</p>

O sujeito	divindade; será o homem ou, como dizem os filósofos, o “sujeito”.
P. 159 Descartes e a dúvida metódica existência	Descartes (...) ele adota uma atitude de ceticismo total que o leva a não considerar nada mais como certo... Salvo que, no final das contas, há uma certeza que resiste a tudo e permanece válida, uma convicção que resiste à prova mesma da dúvida mais radical: aquela segundo a qual se penso, e até se duvido, devo ser algo que existe!
P. 160 Três idéias da modernidade	(...) há três idéias fundamentais que aparecem pela primeira vez na história do pensamento, três idéias destinadas a uma formidável posteridade, que são, no sentido próprio, fundadoras da filosofia moderna.
P. 160 Descartes busca alcançar um critério confiável de verdade Resiste a duvida	<i>Primeira idéia:</i> se Descartes põe em cena a ficção da dúvida, na verdade não é apenas para alcançar uma nova definição da verdade. Pois, ao examinar cuidadosamente a única certeza que resiste a qualquer prova — no caso, o <i>cogito</i> —, ele está certo de conseguir descobrir um critério confiável da verdade. Pode-se até dizer que esse método de raciocínio vai levar a definir a verdade como aquilo que resiste à dúvida, como <i>aquilo de que o sujeito humano está absolutamente seguro</i> .
P. 161 Tabula rasa Rejeição	<i>A segunda idéia fundamental</i> será ainda mais decisiva no plano histórico e político: é a da "tabula rasa", a da rejeição absoluta de todos os preconceitos e de todas as crenças herdadas das tradições e do passado.
P. 162 Descartes reconstrução do sujeito	(...). Descartes, que depois de ter posto todas as crenças anteriores em dúvida, toma a iniciativa de reconstruir a filosofia inteira sobre algo sólido: uma certeza inquebrantável, a do sujeito que toma posse de si mesmo, em transparência total, e que a partir daí só confia em si.
P. 162 Descartes é o homem o sujeito humano fundamento pensamentos	(...) tanto para Descartes quanto para os revolucionários franceses, <i>é o homem, o sujeito humano, que se torna o fundamento de todos os pensamentos e de todos os projetos</i> ; da filosofia nova com a experiência decisiva do <i>cogito</i> , assim como da democracia e da igualdade com a abolição dos privilégios do Antigo Regime, e a declaração, na época absolutamente extraordinária, da igualdade de todos os homens entre si.
P. 163 Consciência individual e não mais na tradição que se impõe antes de todas...	(...) se é preciso fazer tabula rasa do passado e submeter à dúvida mais rigorosa opiniões, crenças e preconceitos que não passaram pelo crivo do exame crítico, é porque não convém acreditar, não convém "dar crédito", como diz Descartes, <i>senão àquilo de que podemos estar absolutamente certos por nós mesmos</i> . Daí a natureza nova, fundada na consciência individual, e não mais na tradição, da única certeza que se impõe antes de todas as outras: a do sujeito em sua relação consigo mesmo.
P. 163 Rejeitar todos os argumentos de autoridade	(...) a <i>terceira idéia</i> (...) <i>é preciso rejeitar todos os "argumentos de autoridade"</i> . Chamamos "argumentos de autoridade" às crenças impostas de fora como verdades absolutas por instituições dotadas de poderes que não se tem o direito de discutir, ainda menos de questionar: a família, os professores, os sacerdotes etc.
P. 163 Descartes	(...) Descartes (...), ele simplesmente inventa o "espírito crítico", a liberdade de pensamento e, com isso, funda a filosofia moderna.
P. 164 A filosofia moderna filosofia do sujeito	(...) a filosofia moderna é uma filosofia do "sujeito", um humanismo, e até mesmo um antropocentrismo, quer dizer, no sentido etimológico, uma visão do mundo que coloca o homem (<i>anthropos</i>, em grego) — e não o <i>cosmos</i> ou a divindade — no centro de tudo.

<p>P. 164 Morais</p>	<p>(...) morais sem ordenação do mundo e mandamentos divinos são tão impensáveis quanto difíceis de compreender.</p>
<p>P. 165 Modernidade Morais leigas</p>	<p>(...) idéias modernas (...) as morais leigas como um conjunto de valores expressos por deveres ou imperativos que nos pedem um mínimo de respeito pelo outro, sem o qual uma vida comum pacificada é impossível.</p>
<p>P. 165 Regra morais indispensáveis Condição necessária da vida em comum</p>	<p>Ninguém pode duvidar de que as regras morais sejam rigorosamente indispensáveis. Pois, em sua ausência, é imediatamente a guerra de todos contra todos que se delinea no horizonte. Elas constituem a <i>condição necessária</i> da vida comum pacificada que o mundo democrático visa engendrar. Elas não são, porém, a <i>condição suficiente</i>, (...) os princípios éticos, por mais importantes que sejam, não determinam em absoluto as questões existenciais que outrora as doutrinas da salvação haviam assumido.</p>
<p>P. 167 Modernidade Regras morais Sentido e finalidade à existência Fragilidade e finitude da existência</p>	<p>(...). Se a aplicação dos direitos do homem permite uma vida comum pacificada, eles não oferecem por si mesmos nenhum sentido, nem mesmo nenhuma finalidade ou direção à existência humana. Eis por que, no mundo moderno assim como nos tempos passados, foi preciso inventar, para além da moral, algo que ocupasse o lugar de uma doutrina da salvação. O problema é que sem <i>cosmos</i> e sem Deus a coisa parece particularmente difícil de se pensar. Como enfrentar a fragilidade e a finitude da existência humana, a mortalidade de todas as coisas neste mundo, na falta de qualquer princípio exterior e superior à humanidade?</p>
<p>P. 167 Salvação ?</p>	<p style="text-align: center;"><i>A emergência de uma espiritualidade moderna: como pensar a salvação se o mundo não é mais uma ordem harmoniosa e se Deus está morto?</i></p>
<p>P. 167 Modernos e seus ismos...</p>	<p>Para alcançar tal objetivo, os Modernos seguiram duas grandes linhas. A primeira (...) é a das "religiões de salvação terrestre", especialmente o cientificismo, o patriotismo e o comunismo.</p>
<p>P. 168 Modos de salvar a vida, sacrifício em nome da revolução...</p>	<p>(...) três modos de salvar a vida, ou de justificar a morte, dá no mesmo, sacrificando-a em benefício de uma causa superior: a revolução, a pátria, a ciência. Com esses três "ídolos", como dirá Nietzsche, foi possível salvar a fé: conciliando a vida e o ideal, sacrificando-a eventualmente por ele, foi possível preservar a certeza de se "salvar", passando pela última via de acesso à eternidade.</p>
<p>P. 170 Sempre o indivíduo...</p>	<p>(...). Mesmo que nos dedicássemos a uma causa sublime, com a convicção de que o ideal é infinitamente superior à própria vida, no final, é sempre o indivíduo que sofre e morre enquanto ser particular, não outro em seu lugar.</p>
<p>P. 171 É a própria humanidade que se sacraliza</p>	<p>Derrisórios (...) o que as falsas religiões tramam por trás de sua banalidade aparente ou real é simplesmente a secularização ou a humanização do mundo. Na falta de princípios cósmicos ou religiosos, é a própria humanidade que se sacraliza, a ponto de ascender, por sua vez, ao estatuto de princípio transcendente.</p>
<p>P. 171/172 Kant pensamento como condição da vida humana</p>	<p>E Kant, na linha de Rousseau, quem lança pela primeira vez a idéia crucial de "pensamento alargado" como sentido da vida humana. O pensamento alargado, para ele, é o contrário do espírito limitado, é o pensamento que consegue se libertar da situação particular de origem para se elevar até a compreensão do outro.</p>

Capítulo 5
A pós-modernidade
O caso Nietzsche

<p>P. 174 Pós-modernas Idéias...</p>	<p>(...) na filosofia contemporânea, adquiriu-se o hábito de chamar de "pós-modernas" as idéias que, a partir dos meados do século XIX, se empenharam em fazer a crítica do humanismo moderno e, em especial, da filosofia das Luzes.</p>
<p>P. 174 Pós-modernos ataque Antropocentrismo razão</p>	<p>(...) os "pós-modernos" vão atacar duas das mais importantes convicções que animavam os Modernos do século XVII ao XIX: aquela segundo a qual o ser humano seria o centro do mundo, o princípio de todos os valores morais e políticos; aquela que considera a razão um formidável poder libertador, e que, graças ao progresso das "Luzes", seremos, enfim, mais livres e mais felizes. (...) <i>crítica do humanismo e crítica do racionalismo.</i></p>
<p>P. 175 Luzes ?</p>	<p>(...). Por que motivos as Luzes vão ser vistas como insuficientes e ilusórias; que razões vão levar a nova filosofia a querer ir "mais longe"?</p>
<p>P. 175 Modernos aprendizes de feiticeiro</p>	<p>Ora, foi isso que os Modernos não avaliaram plenamente. Como o aprendiz de feiticeiro que desencadeia forças que logo fugirão ao seu controle, Descartes e os filósofos das Luzes também liberaram um espírito, o espírito crítico, que, posto em ação, não pode ser detido.</p>
<p>P. 176 Ciência moderna enfraquecimento</p>	<p>A ciência moderna, fruto do espírito crítico e da dúvida metodológica, destruiu as cosmologias e enfraqueceu consideravelmente, pelo menos num primeiro momento, as bases autoridade religiosa.</p>
<p>P. 176 Nietzsche – os modernos e suas crenças Democracia Socialismo Igualdade</p>	<p>(...). Eis por que, aos olhos de Nietzsche, quando nossos republicanos herdeiros das Luzes se dizem ateus, ou mesmo materialistas, na verdade, permanecem <i>crentes!</i> Naturalmente, não por rezarem a Deus, mas porque não deixam de venerar quimeras, já que continuam a <i>acreditar</i> que alguns valores <i>superiores à vida</i>, que o real deve ser julgado em nome do ideal, que é necessário transformá-lo para moldá-lo aos ideais superiores: os direitos do homem, a ciência, a razão, a democracia, o socialismo, a igualdade de oportunidades etc.</p>
<p>P. 176 Teologia</p>	<p>Ora, essa visão das coisas é fundamentalmente herdeira teologia, mesmo e especialmente quando não se dá conta disso e se quer revolucionária ou irreligiosa!</p>
<p>P. 177 Ecce Homo Crença no progresso Nas ciências e na técnica</p>	<p>No prefácio de <i>Ecce Homo</i> (...) atitude filosófica em termos que marcam perfeitamente a ruptura que estabelece com o humanismo moderno. Este afirmava reiteradamente sua crença no progresso, sua convicção de que a difusão das ciências e das técnicas iria produzir dias melhores, que a história e a política deveriam ser guiadas por um ideal, ou utopia, que permitiria tornar a humanidade mais respeitosa em relação a si mesma etc.</p>
<p>P. 178 Ídolos e martelo filosófico</p>	<p>(...) se ele detesta os ideais como tais, se quer quebrar os ídolos com seu martelo filosófico, é porque, para ele, todos provêm de uma negação da vida, daquilo que ele chama de "nihilismo".</p>
<p>P. 178 Todos os ideais partem de uma</p>	<p>Nietzsche pensa que todos os ideais, explicitamente religiosos ou não, de direita ou de esquerda, conservadores ou progressistas, espiritualistas ou materialistas, possuem a mesma estrutura, a mesma finalidade: fundamentalmente eles partem, como lhe expliquei, de uma estrutura teológica, já que se trata sempre de inventar <i>um além</i></p>

<p>estrutura teológica – inventar um além</p>	<p><i>melhor do que este mundo</i>, de imaginar valores pretensamente <i>superiores e exteriores à vida</i> ou, no jargão dos filósofos, de valores “transcendentes”.</p>
<p>P. 179 Negação do real em nome de um ideal niilismo</p>	<p>É essa negação do real em nome de um ideal que Nietzsche chama de "niilismo". Como se, graças a essa ficção de pretensos ideais e utopias, nos situássemos fora da realidade, fora da vida, ao passo que o pensamento nietzschiano, seu ponto extremo, é que não há transcendência, que todo juízo é um sintoma, uma emanção da vida que faz parte da vida e nunca se situa fora dela.</p>
<p>P. 179 Nada para além da realidade da vida</p>	<p><i>(...) não existe nada fora da realidade da vida, nem acima nem abaixo, nem no céu nem no inferno, e todos os célebres ideais da política, da moral e da religião são apenas "ídolos", inchaços metafísicos, ficções, que não visam nada a não ser fugir da vida, antes de se voltar contra ela.</i></p>
<p>P. 180 Filósofos da suspeita – desconstruir as ilusões que embalarão o humanismo clássico</p>	<p><i>(...).</i> Os principais pensadores "pós-modernos", Nietzsche, certamente, mas ainda pelo menos em parte Marx e Freud, vão ser justamente definidos como "filósofos da suspeita": o fim da filosofia agora é desconstruir as ilusões que embalarão o humanismo clássico. Os "filósofos da suspeita", adotam como princípio de análise o pressentimento de que há sempre, por trás das crenças tradicionais, por trás dos "velhos e bons valores" que se pretendem nobres, puros e transcendentes, <i>interesses escusos, escolhas inconscientes, verdades mais profundas... e frequentemente inconfessáveis.</i></p>
<p>P. 180 Atalhos</p>	<p>(...). Nietzsche não gosta das grandes avenidas nem dos "consensos". Ele prefere os atalhos, as margens e os sujeitos que se zangam.</p>
<p>P. 180 Vanguardistas</p>	<p><i>(...).</i> Os vanguardistas, Nietzsche à frente, vão se empenhar em quebrar tudo, para desenvolver diante do mundo o que se esconde por trás!</p>
<p>P. 181 Depois de Nietzsche não há como pensar</p>	<p><i>(...)</i> o pensamento de Nietzsche, às vezes insuportável, deixa de ser genial, tão abrasivo quanto possível. Podemos não partilhar suas idéias; podemos até detestá-las, mas, depois dele, não podemos mais pensar como antes. O que é a marca incontestável do gênio.</p>
<p>P. 182 Nietzsche genealogista</p>	<p>(...) Nietzsche é o que chamamos de "genealogista" — é assim que ele próprio se designava—, um "desconstrutivista", alguém que passou a vida dando surras nas ilusões da tradição filosófica, o que não escapa a ninguém.</p>
<p>P. 182 Nietzsche busca de pensamentos novos radicais</p>	<p>(...), Nietzsche não desconstrói a cosmologia grega, o cristianismo ou a filosofia das Luzes pelo simples prazer de negar ou destruir, mas para abrir espaço a pensamentos novos, radicais, que vão efetivamente constituir, embora em sentido inédito, uma <i>theoria</i>, uma <i>praxis</i> e até mesmo um <i>pensamento da salvação</i> de novo gênero.</p>
<p>P. 183 Na <i>theoria</i> filosófica dois aspectos o <i>Theion</i> e o <i>orao</i> Contemplar e compreender</p>	<p><i>(...)</i> há sempre, na <i>theoria</i> filosófica, dois aspectos. Há o <i>theion</i> e o <i>orao</i>, o <i>divino</i> que tentamos encontrar no real e o <i>ver que</i> o contempla; <i>o que</i> queremos conhecer e <i>aquilo com o qual</i> tentamos alcançá-lo (...), a teoria compreende sempre, de um lado, a definição da essência mais íntima do ser, daquilo que é mais importante no mundo que nos cerca (o que chamamos de <i>ontologia</i> — <i>onto</i> remete à palavra grega que significa "ente") e do outro, a da visão ou, pelo menos, dos meios de conhecimento que nos permitem apreendê-lo (o que chamamos de <i>teoria do conhecimento</i>).</p> <p><i>(...)</i> para Nietzsche, de um lado, o fundamento do real, a essência mais íntima do ser,</p>

<p>P. 184 Nietzsche O fundamento do real não é aquilo que os medievais ou moderno pretendem...</p>	<p>nada tem de cósmico nem de divino, ao contrário; de outro, o conhecimento não parte das categorias de visão — do <i>orao</i> grego. Não é uma contemplação ou um espetáculo passivo como para os Antigos. Também não é, como para os Modernos, uma tentativa de, apesar de tudo, estabelecer relações entre as coisas com o fim de encontrar uma nova forma de ordem e de sentido. (...) é, ao contrário, uma "desconstrução" à qual o próprio Nietzsche chamou de "genealogia".</p>
<p>P. 184 Nietzsche e a verdadeira filosofia</p>	<p>(...), a verdadeira filosofia deve, segundo Nietzsche, trazer à tona a origem escondida dos valores e das ideias que se acreditam imutáveis, sagrados, vindos do céu... para devolvê-los à Terra e desvendar o modf, o mais das vezes efetivamente bem <i>terrestre</i> (é um dos motivos favoritos de Nietzsche), como eles foram engendrados.</p>
<p>P. 185 Nenhum ponto de vista superior à vida</p>	<p>A. TEORIA DO CONHECIMENTO: COMO A "GENEALOGIA" ASSUME O LUGAR DA THEORIA</p> <p>(...) a tese mais profunda de Nietzsche, (...) é que não existe absolutamente <i>nenhum ponto de vista exterior e superior à vida, nenhum ponto de vista, que tenha, no que quer que seja, o privilégio de se abstrair do tecido de forças que constituem afundamento do real, a mais íntima essência do ser.</i></p>
<p>P. 185 Juízos de valor sobre a vida</p>	<p><i>Crepúsculo dos Ídolos</i> - Juízos, juízos de valor sobre a vida, a favor ou contra, nunca podem ser, em última instância, verdadeiros: não possuem outro valor senão o de sintomas — em si, tais juízos são imbecilidades</p>
<p>P. 186 Todos nossos juízos são expressões do estado vital</p>	<p>(...) todos os nossos juízos, todos os nossos enunciados, todas as frases que pronunciamos ou as idéias que emitimos são expressões de nossos estados vitais, de emanções da vida em nós e de modo algum entidades abstraias, autônomas, independentes das forças vitais que nos habitam. E toda a obra da genealogia vai provar essa verdade nova, mais elevada que todas as outras.</p>
<p>P. 186/187 Filosofia autêntica o que existe são abismos Filósofo</p>	<p>A filosofia autêntica leva, portanto, a um ponto de vista abissal: a tarefa de desconstrução que anima o genealogista acaba constatando que por trás das avaliações não existe fundo, mas abismo; por trás dos próprios abismos, outros abismos, para sempre inacessíveis. Sozinho, à margem do "rebanho", cabe então ao filósofo autêntico enfrentar a tarefa angustiante de olhar face a face esse abismo (...)</p>
<p>P. 187 A realidade não é tão harmoniosa quanto o conhecimento..</p>	<p>Mas se o conhecimento jamais alcança a verdade absoluta, se seu horizonte é continuamente recuado, impedindo que atinja a rocha sólida e definitiva, é porque, evidentemente, o próprio real é um caos que não se parece em nada com o sistema harmonioso dos Antigos, nem mesmo com o universo ainda mais ou menos "racionalizável" dos Modernos.</p>
<p>P. 187/188 Nietzsche</p>	<p>Se você quer compreender bem Nietzsche, tem apenas de partir da idéia de que ele pensa o mundo quase que de modo oposto aos estóicos.</p>
<p>P. 188 Mundo como energia</p>	<p>(...). Nietzsche, ao contrário, pensa o mundo tanto orgânico quanto inorgânico, tanto em nós quanto fora de nós, como um vasto campo de energia, um tecido de forças ou de pulsões cuja multiplicidade infinita e caótica é irreduzível à unidade.</p>
<p>P. 188 Diferença entre</p>	<p>(...) a diferença entre o pós-moderno e o moderno, a diferença entre Nietzsche e Kant (ou Newton e Claude Bernard), é que estes ainda procuram com todas as forças encontrar unidade, coerência e ordem no mundo, nele injetar racionalidade, lógica.</p>

<p>modernos e pós... P. 189 Universo de Newton unificado Leis universais</p>	<p>(...). E o mundo de Newton, mesmo sendo um tecido de forças e de objetos que se entrecrocavam, não deixa de ser, no fim das contas, um universo coerente, unificado e regido por leis — como a da gravitação universal que possibilita encontrar certa ordenação das coisas.</p>
<p>P. 189 Racionalismo científico dos modernos cópia dos e os Antigos</p>	<p>O racionalismo científico dos Modernos é nada mais que uma ilusão, um modo de, no fundo, perseguir a ilusão das cosmologias antigas, uma "projeção" humana (e Nietzsche já emprega palavras que logo Freud usará), quer dizer, um modo de tomar nossos desejos por realidades, de nos oferecer um simulacro de poder sobre uma matéria insensata, multiforme, caótica, que na verdade nos escapa totalmente.</p>
<p>P. 190</p>	<p>(...) a filosofia, mais do que as artes, sempre esteve à frente de seu tempo.</p>
<p>P. 190 Ilusões</p>	<p>(...). A idéia de um universo único e harmonioso é a ilusão suprema. Para o genealogista, é sem dúvida arriscado, mas, apesar disso, necessário dissipá-la.</p>
<p>P. 190 Nietzsche evita encontrar racionalidade...</p>	<p>Mas, em vez de procurar a todo custo uma racionalidade no caos, esse tecido de forças contraditórias que é o universo e que ele chama de Vida, Nietzsche vai propor a distinção entre duas ordens, dois grandes tipos de força — ou, como ele diz, "pulsões" ou "instintos": de um lado, as forças "reativas", do outro, as forças "ativas".</p>
<p>P. 191 Forças reativas vontade de verdade</p>	<p>(...) as forças reativas tomam como modelo, no plano intelectual, a "vontade de verdade" que anima a filosofia clássica e a ciência; no plano político, elas tendem a realizar o ideal democrático. As forças ativas, ao contrário, agem especialmente na arte, e seu universo natural é o da aristocracia.</p>
<p>P. 191 Forças reativas reprimindo outras forças</p>	<p>(...) forças "reativas": <i>são aquelas que só podem se expandir no mundo e produzir todos os seus efeitos, reprimindo, aniquilando e mutilando outras forças.</i> elas só conseguem se instalar opondo-se; elas partem da lógica do "não" mais do que do "sim", do "contra" mais do que "a favor".</p>
<p>P. 193 Ironia socrática Jogo socrático deslocado</p>	<p>(...) "ironia socrática": ironia, porque Sócrates joga, porque ele não apenas está deslocado em relação àqueles que o cercam, mas, sobretudo, consigo mesmo, já que ele conhece perfeitamente, ao contrário de quem está diante dele, o papel que representa.</p>
<p>P. 193 Vontade verdade</p>	<p>(...) o laço que existe no espírito de Nietzsche entre a paixão socrática do verdadeiro, a vontade de busca da verdade, filosófica ou científica, e a idéia de "forças reativas".</p>
<p>P. 193/194 Nietzsche busca da verdade Reativa Combate contra o erro...</p>	<p>Para Nietzsche, a busca da verdade revela-se até duplamente reativa, pois o conhecimento verdadeiro não se constrói apenas num combate contra o erro, a má-fé e a mentira, mas numa luta contra as ilusões inerentes ao mundo sensível enquanto tal. A filosofia e a ciência só podem de fato funcionar na oposição do "mundo inteligível" ao "mundo sensível", de tal sorte que o segundo será inevitavelmente desvalorizado pelo primeiro.</p>
<p>P. 194 Nietzsche crítica as tradições</p>	<p>(...) Nietzsche critica todas as grandes tradições científicas, metafísicas e religiosas — ele pensa especialmente no cristianismo — por terem continuamente "desprezado" o corpo e a sensibilidade em benefício da razão.</p>
<p>P. 195</p>	<p>(...) a metafísica, a religião e a ciência, apesar de tudo o que as separa e até mesmo do que as opõe, <i>têm em comum o fato de pretenderem ascender às verdades ideais, a</i></p>

<p>Metafísica, religião e ciência</p>	<p><i>entidades inteligíveis que não se tocam concretamente nem se vêem, a noções que não pertencem ao universo corporal.</i></p>
<p>P. 195 Vontade de verdade – rejeitar todas as forças e sensibilidades</p>	<p>Do ponto de vista da vontade de verdade, como diz Nietzsche, do ponto de vista do cientista ou do filósofo que quer alcançar um conhecimento verdadeiro, é preciso, conseqüentemente, rejeitar todas as forças que provêm da mentira e da ilusão, mas também todas as pulsões que dependem exclusivamente da sensibilidade, do corpo. É preciso desconfiar de tudo o que é essencial à arte.</p>
<p>P. 195 Nietzsche e as verdades democráticas</p>	<p>(...) Nietzsche (...) desconstruído ao mesmo tempo o racionalismo e o humanismo! Porque as verdades que a ciência quer alcançar são “intrinsecamente democráticas”; são daquelas que pretendem valer para todos, em qualquer tempo e em qualquer lugar.</p>
<p>P. 197 Crepúsculo dos ídolos – o problema de Sócrates</p>	<p>(...) a equivalência que estabelece, no capítulo do Crepúsculo dos Ídolos dedicado ao “problema de Sócrates”, entre o mundo democrático e a recusa da arte, entre a vontade de verdade socrática e a feiúria, de fato legendária, do herói dos diálogos de Platão, que assinala o fim de um mundo aristocrático ainda moldado em “distinção” e “autoridade”.</p>
<p>P. 197 Forças ativas</p>	<p>(...) célebres forças ativas que completam, ao lado das reativas, a definição do mundo, do real, que Nietzsche tenta alcançar.</p>
<p>P. 197/198 Aristocracia</p>	<p><i>As forças “ativas” ou a afirmação do corpo: como elas se exprimem na arte – não na ciência – e culminam numa visão “aristocrática” do mundo.</i></p>
<p>P. 197 É na arte e não mais na filosofia ou na ciência espaço vital</p>	<p>(...). É na arte, e não mais na filosofia ou na ciência, que essas forças encontram seu espaço de vida natural. Da mesma forma que existe uma equivalência secreta entre reação/busca da verdade/democracia/rejeição do mundo sensível em proveito do mundo inteligível, um fio de Ariadne une a arte, a aristocracia, o culto do mundo sensível ou corporal e as forças ativas.</p>
<p>P. 198 Ontologia?</p>	<p>(...) em que consiste sua "ontologia", sua definição completa do mundo como conjunto de forças reativas e ativas.</p>
<p>P. 198 Artista é aquele que enuncia valores Abre perspectivas de vida – inventa mundo</p>	<p>(...), o artista é por excelência aquele que enuncia valores sem discutir, aquele que nos abre "perspectivas de vida", que inventa mundos novos sem necessidade de demonstrar a legitimidade do que propõe, menos ainda de prová-la pela refutação de outras obras que precederam a sua. Como aristocrata, o gênio ordena sem argumentar contra qualquer um ou qualquer coisa — observe que é por isso que Nietzsche declara que “o que precisa ser demonstrado para ser acreditável não vale grande coisa”?</p>
<p>P. 198 História das artes obras e contrastes</p>	<p>(...). A verdade só se afirma quando afasta os erros que se encontram na história das ciências. A história da arte, ao contrário, é lugar de possível coexistência das obras, até mesmo das mais contrastantes»</p>
<p>P. 199 Desde a Grécia Modelo socrático e reativo Modelo sofisticado</p>	<p>(...) desde a aurora da filosofia na Grécia, dois tipos de discursos, duas concepções do uso das palavras sempre se confrontaram. De um lado, o modelo socrático e reativo que, pelo diálogo, busca a verdade e, para tanto, se opõe às diversas faces da ignorância, da estupidez ou da má-fé. De outro, o discurso sofisticado sobre o qual eu lhe dizia há pouco que não <i>visa absolutamente à verdade, mas simplesmente procura seduzir, persuadir, produzir efeitos quase físicos</i></p>

<p>Procura seduzir persuadir</p> <p>P. 200 Arte e emoções sensíveis</p> <p>P. 201 O mundo é um caos, uma pluralidade</p> <p>P. 201 Intérpretes de Nietzsche e o erro de que o filósofo propunha a rejeição das forças reativas com fim de conservar as ativas</p> <p>P. 202 O grande estilo de Nietzsche Múltiplas formas da vida</p> <p>P. 202 Nietzsche rejeita o melhoramento</p> <p>P. 203 Se a vida é apenas um tecido de forças cegas</p> <p>P. 204 Nietzsche anarquista</p> <p>P. 205 Revolução???</p> <p>P. 205 Atitude ética Forças vitais</p> <p>P. 206 A grande arquitetura Forças vitais atingem maior</p>	<p><i>sobre um auditório que deve, pelo simples poder das palavras, ser levado à adesão.</i></p> <p>(...) no que se refere à arte, não é o conteúdo de verdade que importa, mas a magia das emoções sensíveis, que, é claro, não poderia resistir à prova, diminuidora por excelência, do resumo.</p> <p>(...) aos olhos de Nietzsche (...), o mundo não é um <i>cosmos</i>, uma ordem, nem natural como para os Antigos, nem construído pela vontade dos homens como para os Modernos. Ao contrário, é um caos, uma pluralidade irreduzível de forças, de instintos, de pulsões que vivem em confronto.</p> <p>Muitos intérpretes de Nietzsche, sobretudo recentemente, cometeram um erro enorme a respeito de seu pensamento, e eu gostaria que você o evitasse: eles acreditaram ingenuamente que, para tornar a vida mais livre e mais alegre, Nietzsche propunha a rejeição das forças reativas com o fim de conservar apenas as forças ativas, liberar o sensível e o corpo, abandonando a "seca e fria razão". (...), isso pode parecer bastante "lógico" à primeira vista. Saiba, no entanto, que tal "solução" é o arquétipo do que Nietzsche chama de "tolice": <i>pois, evidentemente, rejeitar as forças reativas seria naufragar numa outra figura da reação. já que nos colocaria em oposição a uma parte do real!</i></p> <p>(...) ele vai nos convidar a segui-lo, mas, ao contrário, para uma intensificação e hierarquização, tão sujeitas quanto possível às múltiplas formas que constituem a vida.</p> <p>A isso Nietzsche dá o nome de "grande estilo". E é com essa idéia que penetramos no cerne da moral do imoralista.</p> <p>(...) Nietzsche rejeita com violência todo projeto de melhoramento do mundo. (...) ele sempre se definiu como o "imoralista" por excelência, que ele sempre atacou a caridade, a compaixão, o altruísmo, sob todas as suas formas, cristãs ou não.</p> <p>(...) Se a vida é apenas um tecido de forças cegas e dilaceradas, se nossos juízos de valor são apenas emanações mais ou menos decadentes, por vezes, mas sempre privados de qualquer significação exceto a de sintomáticos de nossos estados vitais, de que adianta esperar de Nietzsche a menor consideração ética?</p> <p>(...). Nas pegadas das contestações de 68, quis-se ler Nietzsche nesse sentido. Como um revoltado, um anarquista, um apóstolo da libertação sexual, da emancipação dos corpos...</p> <p>(...) não podemos negar sua aversão explícita por toda forma de ideologia revolucionária, quer se trate do socialismo, do comunismo ou do anarquismo,</p> <p>(...) toda atitude "ética" que consiste em rejeitar uma parte das forças vitais, mesmo a que correspondesse às forças reativas, em proveito de outro aspecto da vida, fosse ele dos mais "ativos", ela cairia <i>ipso facto</i> na mais patente reação</p> <p>Essa conciliação é, aos olhos de Nietzsche, o novo ideal, o ideal enfim aceitável porque não é, como todos os outros, falsamente exterior à vida, mas, ao contrário, explicitamente sustentado nela. E é exatamente isso que Nietzsche chama de <i>grandeza</i> — um termo importante em sua obra —, o sinal da "grande arquitetura", aquela no seio da qual as forças vitais, porque são, enfim, <i>harmonizadas e hierarquizadas</i>, atingem com um mesmo ímpeto a maior</p>
--	--

<p>intensidade e elegância Expansão da vida</p>	<p><i>intensidade e simultaneamente a mais perfeita elegância. É apenas por essa harmonização e hierarquização de todas as forças, mesmo as reativas, que o poder desabrocha, e que a vida deixa de ser diminuída, enfraquecida ou mutilada.</i></p>
<p>P. 206; 207 Moral de Nietzsche a vida boa é a vida mais intensa Cooperação entre forças</p>	<p>A quem se interrogar sobre a "moral de Nietzsche", aqui vai uma resposta possível: a vida boa é a vida <i>mais interna, porque a mais harmoniosa</i>; a vida mais elegante (no sentido em que se fala de uma demonstração matemática que não faz rodeios inúteis, desperdício de energia por nada), <i>quer dizer, aquela na qual as forças vitais, em vez de se contrariarem, se dilacerarem e se combaterem ou se esgotarem umas as outras, cooperam entre si, mesmo que seja sob o primado de umas, as forças ativas certamente, de preferência às outras, as reativas.</i></p>
<p>P. 207 A vontade de poder Grande estilo Senhor de si</p>	<p>(...) <i>A Vontade de Poder</i>, "a grandeza de um artista não se mede pêlos 'bons sentimentos' que ele suscita", mas reside no "grande estilo", quer dizer, na capacidade de "se tornar senhor do caos interior; em forçar seu próprio caos a assumir forma; agir de modo lógico, simples, categórico, matemático, tornar-se lei, eis a grande ambição".</p>
<p>P. 207 Culta da razão</p>	<p>(...). A apologia do rigor "matemático", o culto da razão clara e exata também encontram lugar no seio das forças múltiplas da vida.</p>
<p>P. 208 Critério ético domesticar forças reativas</p>	<p>(...) Nietzsche, (...) critério ético; (...) "grande estilo", permitindo-nos domesticar as forças reativas em vez de rejeitá-las "tolamente", compreendendo tudo o que ganhamos ao integrar esse "inimigo interior" em vez de bani-lo e, por aí mesmo, nos enfraquecer.</p>
<p>P. 209 Nietzsche Continuação do ideal cristão</p>	<p>(...), Nietzsche não hesita em afirmar em alto e bom som, ele que é considerado o Anticristo e o mais encarniçado agressor dos valores cristãos, que a "continuação do ideal cristão faz parte das coisas mais desejáveis que possam existir", já que nos oferece, para a confrontação que ele autoriza, um meio seguro de se tornar maior.</p>
<p>P. 210</p>	<p><i>A vontade de poder como "essência mais íntima do Ser". Verdadeira e falsa significação do conceito de "vontade de poder"</i></p>
<p>P. 210 Vontade de poder núcleo real ontologia</p>	<p>A noção de "vontade de poder" é de tal forma primordial que Nietzsche não hesita em fazer dela o núcleo de sua definição do real, o ponto último do que chamamos de sua "ontologia" ou, como ele mesmo diz em várias ocasiões, ela é "a essência mais íntima do Ser".</p>
<p>P. 210 Vontade quer intensidade de Forças</p>	<p>(...). É a vontade que quer intensidade, que quer evitar a qualquer custo os dilaceramentos internos dos quais acabo de lhe falar e que, por definição mesmo, nos diminuem, já que as forças se anulam umas às outras, de modo que a vida em nós se estiola e apequena.</p>
<p>P. 210 Intensidade máxima</p>	<p>(...) o desejo profundo de uma intensidade máxima de vida, de uma vida que não seja mais empobrecida, enfraquecida porque dilacerada, mas, ao contrário, a mais intensa e a mais viva possível.</p>
<p>P. 211 Vontade de poder Vontade da</p>	<p>A vontade de poder não é a vontade de ter um poder, mas, como diz Nietzsche ainda, é a "vontade da vontade", a vontade que se sente a si mesma, que quer sua própria força, e que, em compensação, não quer ser enfraquecida pêlos dilaceramentos internos que nos esgotam, que nos "tornam pesados" e que nos impedem de viver com a leveza e a inocência de um "dançarino".</p>

<p>vontade P. 211</p> <p>P. 212 Uma vida cujo modelo seria o gesto livre Busca do maior poder</p> <p>P. 213 O contrario do grande estilo incapazes</p> <p>P. 213 Contradições Definhamento da vontade</p> <p>P. 213 Grande estilo Forças ativas</p> <p>P. 214 Embelezamento Grande estilo</p> <p>P. 215 Para ser clássico Dons e desejos Violentos</p> <p>P. 215</p> <p>P. 215 Triunfo dos clássicos gregos Beleza e força</p> <p>P. 216 Moral da grandeza intensidade</p> <p>P. 216 Amor fati</p> <p>P. 217 Inimizade com relação à vida</p>	<p><i>Um exemplo concreto de "grande estilo": o gesto livre e o gesto "bloqueado".</i> <i>Classicismo e romantismo</i></p> <p>(...).Trata-se antes de imaginar o que seria uma vida que tomasse como modelo o "gesto livre", o gesto do campeão ou do artista que produz nele grande diversidade até atingir, com harmonia, o maior poder, sem esforço laborioso, sem desperdício de energia. Tal é, no fundo, a "visão moral" de Nietzsche, aquela em nome da qual ele denuncia todas as morais "reativas", todas aquelas que, desde Sócrates, pregam a luta contra a vida, seu apequenamento.</p> <p>Assim, ao contrário do grande estilo, se situam todos os comportamentos que se revelam como incapazes de conquistar o domínio de si que apenas uma hierarquização e uma harmonização perfeitas das forças que se agitam em nós possibilitam realizar.</p> <p>(...). “Quando há contradição e coordenação insuficientes das aspirações interiores, é preciso concluir que há diminuição da força organizadora, da vontade...” E, nessas condições, a vontade de poder definha, e a alegria dá lugar à culpa que, por sua vez, engendra o ressentimento.</p> <p>(...) "grande estilo", a idéia de que só uma síntese reconciliadora das forças ativas e reativas possibilita alcançar o "poder" autêntico — o do revés de um campeão de tênis —, não é do próprio Nietzsche.</p> <p>Segundo um tema constante em sua obra, a "simplicidade lógica" própria dos clássicos é a melhor aproximação dessa hierarquização "grandiosa" que o "grande estilo" concretiza. Ainda aí, Nietzsche não faz mistério:</p> <p>(...). Pois, para ser clássico, é preciso ter todos os dons, todos os desejos violentos e contraditórios na aparência, mas de tal modo que eles caminhem juntos, sob o mesmo jugo, de forma que se tenha necessidade de "frieza, lucidez, dureza, lógica, antes de tudo".</p> <p>(...) o classicismo é a encarnação mais perfeita do "grande estilo".</p> <p>O triunfo dos clássicos gregos e franceses consiste em combater vitoriosamente o que Nietzsche chama ainda, de modo significativo, de "plebe sensual", que os pintores e músicos "modernos", quer dizer, os românticos, transformam facilmente em personagens de suas obras.</p> <p>(...), nessa moral da grandeza, é a intensidade que tem primazia, é a vontade de poder que se sobrepõe a qualquer outra consideração. "Nada ia vida vale mais do que o grau de poder!", diz Nietzsche. O que significa que há valores, uma moral, para o imoralista.</p> <p>III. Um pensamento inédito da doutrina da salvação: a doutrina do <i>amor fati</i> (o amor do momento presente, do "destino"), a "inocência do devir" e o eterno retorno.</p> <p>(...) essa inocente retórica, que penetra o reino da idiosincrasia religiosa e moral, parecerá muito menos inocente assim que compreendermos que tendência se reveste de um manto de palavras sublimes: <i>a inimizade com relação à vida</i>. Procurar a salvação num Deus, ou em qualquer outra figura da transcendência que se queira pôr</p>
---	---

<p>Salvação num Deus é declarar guerra à vida</p>	<p>em seu lugar, é, diz ele ainda, "declarar guerra [...] à vida, à natureza, à vontade de viver!", é a fórmula de todas as calúnias "deste mundo", de todas as mentiras do "além".¹⁹</p>
<p>P. 218</p>	<p><i>O sentido do eterno retorno: uma doutrina da salvação enfim totalmente terrestre, sem ídolos e sem Deus</i></p>
<p>P. 218 Se não existem mais além Nem cosmos, nem divindade O bem e o mal?</p>	<p>(...). Se não existem mais além, nem <i>cosmos</i> nem divindade, se os ideais fundadores do humanismo estão comprometidos, como distinguir não apenas o bem do mal, ou, ainda mais profundamente, o que vale a pena ser vivido e o que é medíocre? Para operar essa distinção, não seria necessário elevar os olhos para um céu qualquer e nele procurar um critério que transcendesse este mundo? E se o céu estiver desesperadamente vazio, onde procurar?</p>
<p>P. 219 Nietzsche – colocar a doutrina do eterno retorno acima da metafísica...</p>	<p>(...). Ela contém, ele afirma, "mais do que todas as religiões que ensinaram a desprezar a vida como passagem, a cobiçar uma <i>outra</i> vida", de modo que ela vai se tornar "a religião das almas mais sublimes, mais livres, mais serenas". Nessa ótica, Nietzsche chega a propor explicitamente que se ponha a "doutrina do eterno retorno no lugar da 'metafísica' e da religião" — como ele colocou a genealogia no lugar da <i>theoría</i>, e o grande estilo no lugar dos ideais da moral.</p>
<p>P. 219 Eterno Retorno?</p>	<p>O que ensina, então, o pensamento do eterno retorno? Em que ponto ele retoma, nem que seja por um viés, as questões da sabedoria e da salvação?</p>
<p>P. 219/220 É no seio deste mundo que a vida se estabelece em intensidade</p>	<p><i>(...) é no seio deste mundo, permanecendo nesta terra e nesta vida, que é preciso aprender a distinguir o que vale ser vivido e o que merece perecer. E aqui e agora que se deve saber separar as formas de vida frustradas, medíocres, reativas e enfraquecidas, das formas de vida intensas, grandiosas, corajosas e ricas em diversidade.</i></p>
<p>P. 220 Salvação</p>	<p>(...) a salvação, segundo Nietzsche, não poderia ser outra senão decididamente <i>terrestre</i>, enraizada num tecido de forças que constitui a trama da vida'.</p>
<p>P. 222 É um critério de avaliação, de seleção</p>	<p>Ela não é nem uma descrição do curso do mundo, nem uma "volta aos Antigos", como por vezes se acreditou tolamente, nem muito menos uma profecia. Ela não é, no fundo, nada além de um critério de avaliação, um princípio de seleção dos momentos de nossas vidas que valem ou não a pena serem vividos.</p>
<p>P. 223 Verdadeira vida Sem remorsos</p>	<p>Nietzsche nos convida, ao contrário, a viver de tal modo que nem os arrependimentos nem os remorsos tenham mais nenhum espaço, nenhum sentido. Essa é a verdadeira vida.</p>
<p>P. 223 Noção de eternidade e da ausência de Deus</p>	<p>É a noção de eternidade que pode nos mostrar o caminho. Pois você notará que, mesmo na ausência de Deus, existe eternidade, e, para se chegar a ela, é preciso, afirma estranhamente Nietzsche — estranhamente porque isso parece quase cristão —, <i>ter fé e cultivar o amor.</i></p>
<p>P. 223 Amor fati</p>	<p><i>A doutrina do amor fati (amor do que é no presente): fugir do peso do passado, assim como das promessas do futuro.</i></p>
<p>P. 224/ 225 Esperar um pouco</p>	<p>Esperar um pouco menos, lamentar um pouco menos, amar um pouco mais. Nunca permanecer nas dimensões não reais do tempo, no passado e no futuro, mas tentar, ao contrário, habitar tanto quanto possível o presente, dizer-lhe sim</p>

<p>menos Lamentar um pouco menos Amar o presente</p>	<p>com amor (numa "afirmação dionisiaca", diz Nietzsche, referindo-se a Dioniso, o deus grego do vinho, da festa e da alegria, aquele que, por excelência, ama a vida).</p>
<p>P. 225 Eterno Retorno Nietzsche nos pede para escolher o que queremos viver E amar todo o real, sem nada abandonar</p>	<p>(...) há uma contradição perturbadora entre as duas passagens de Nietzsche: de um lado, na doutrina do eterno retorno, ele nos pede para <i>escolher</i> o que queremos viver e reviver, em função do critério da repetição eterna do mesmo; e de outro, ele nos recomenda amar todo o real, qualquer que seja, sem nada tomar ou abandonar, e, sobretudo, nada querer além daquilo que é, sem nunca procurar escolher ou selecionar no interior do real! O critério do eterno retorno nos convidava à <i>seleção</i> apenas dos momentos dos quais desejássemos a infinita repetição, e eis que a doutrina do <i>amor fati</i>, que diz sim ao destino, não deve fazer nenhuma exceção para tudo tomar e tudo compreender num mesmo amor ao real.</p>
<p>P. 226 P. 226 Eterno retorno</p>	<p><i>A inocência do devir ou a vitória sobre o medo da morte</i></p> <p>Se a doutrina do eterno retorno repercute como um eco na do <i>amor fati</i>, esta, por sua vez, culmina no ideal de uma inculpabilidade total.</p>
<p>P. 226 Sábio</p>	<p>Somente o sábio, aquele que ao mesmo tempo pratica o grande estilo e segue os princípios do eterno retorno, poderá alcançar a verdadeira serenidade.</p>
<p>P. 227 Não existe lugar nem fim</p>	<p>(...) Não existe nem lugar, nem fim, nem sentido ao qual possamos imputar nosso ser e nossa maneira de ser... E uma vez mais é um grande reconforto, nisso consiste a inocência de tudo o que é.</p>
<p>P. 228 Nietzsche não pensa que o mundo seja harmonioso e racional Viver no instante</p>	<p>Diferentemente dos estóicos, sem dúvida, Nietzsche não pensa que o mundo seja harmonioso e racional. A transcendência do <i>cosmos</i> foi abolida. Mas, como eles, ele convida a viver no instante, a nos salvar por nós mesmos, amando tudo o que existe; a fugir da distinção dos acontecimentos felizes e infelizes, a nos libertar, sobretudo, dos dilaceramentos que uma má compreensão do tempo introduz fatalmente em nós: remorsos associados a uma visão indeterminada do passado (...), hesitações em face do futuro.</p>
<p>P. 227/228 Libertação do peso do passado e do futuro</p>	<p>(...), quando nos libertamos dos pesos do passado e do futuro, que alcançamos a serenidade e a eternidade, aqui e agora, <i>já que não há nada mais</i>, já que não há referência a "possíveis" que venham relativizar a existência presente e semear em nós o veneno da dúvida, do remorso ou da esperança.</p>
<p style="text-align: center;">CRÍTICAS E INTERPRETAÇÕES DE NIETZSCHE</p>	
<p>P. 230 Como evitar o mal???</p>	<p>(...) Se devemos aceitar tudo o que é como é, em toda a sua dimensão trágica de não-sentido radical, como evitar a acusação de cumplicidade, ou de colaboração com o mal?</p>
<p>P. 230 Um novo ideal Uma nova figura do niilismo??</p>	<p>Mas ainda há mais — muito mais, mesmo. Se o amor ao mundo tal como ele anda não é <i>realmente praticável</i> nem entre os estóicos, nem entre os budistas, em Nietzsche, ele não corre o risco de retomar irresistivelmente a forma execrável de um novo ideal e, por isso mesmo, de uma nova figura do niilismo?</p>
<p>P. 230 Genealogia</p>	<p>(...) às três grandes perguntas de toda filosofia: a genealogia como nova teoria, o grande estilo como moral ainda inédita e a inocência do devir como doutrina da salvação sem Deus nem ideal formam um todo coerente sobre o qual você deverá refletir por muito tempo.</p>

<p>Grande estilo inocência</p> <p>P. 231</p> <p>P. 231 Ver nela</p> <p>P. 231 Continuador paradoxal da filosofia das luzes Herdeiro de Voltaire</p> <p>P. 231 Novo mundo Sem sentido</p> <p>P. 234 Sentido???</p> <p>P. 234 Nietzsche questões centrais</p> <p>P. 234 Novas formas</p> <p>P. 236 Interesse na cooperação sobrevivência</p> <p>P. 237 Marx – Freud Nietzsche</p> <p>P. 237 Contra cultura Ídolos</p> <p>P. 238</p> <p>P. 238</p>	<p>(...) a obra de Nietzsche será objeto de três interpretações.</p> <p>Podemos ver nela uma forma radical de anti-humanismo, uma desconstrução sem precedente dos ideais da filosofia das Luzes.</p> <p>Inversamente, podemos ver nele um continuador paradoxal da filosofia das Luzes, um herdeiro de Voltaire e dos moralistas franceses do século XVIII. O que não tem nada de absurdo, pois, em muitos aspectos, Nietzsche dá prosseguimento ao trabalho que eles inauguraram, ao criticar a religião, a tradição, o Antigo Regime ou ao colocar sempre em evidência, por trás dos grandes ideais anunciados, os interesses inconfessáveis e as hipocrisias escondidas.</p> <p>Podemos, por fim, ler Nietzsche como aquele que acompanha o nascimento de um mundo novo, aquele no qual as noções de sentido e de ideal vão desaparecer em proveito apenas da lógica da vontade de poder.</p> <p style="text-align: center;">Capítulo 6</p> <p style="text-align: center;">Depois da desconstrução</p> <p style="text-align: center;">A filosofia contemporânea</p> <p>(...). A vontade de restaurar paraísos perdidos se origina sempre da falta de sentido histórico.</p> <p>(...), Nietzsche apresentou questões impossíveis de seres descartadas. Depois dele, não podemos mais pensar como antes, como se nada tivesse acontecido, como se seus célebres “ídolos” ainda estivessem de pé.</p> <p>(...). Sobreveio um certo desencantamento do mundo, mas novas formas de lucidez, de liberdade também, a ele se seguiram.</p> <p>(...), nossas decisões a favor da democracia e dos direitos do homem se explicariam, em última instância não pela escolha intelectual sublime e desinteressada, mas pelo fato de que temos, em benefício da sobrevivência da espécie, mais interesse na cooperação e na harmonia do que no conflito e na guerra.</p> <p>(...). Com Marx, tende-se para a economia das relações sociais; com Freud, para a linguagem das pulsões ocultas em nosso inconsciente; com Nietzsche, para o niilismo e a vitória das forças reativas sob todas as formas...</p> <p>(...) Porque, sob a aparência vanguardista e audaciosa da desconstrução, por trás da pretensão de elaborar uma “contra cultura” que se opõe a “ídolos” aburguesados, paradoxalmente, o risco seria o triunfo da sacralização do real como ele é.</p> <p style="text-align: center;"><i>Se a desconstrução vira cinismo, se sua crítica aos “ídolos” sacraliza o mundo tal como ele é, como ultrapassá-las?</i></p> <p>Tais são, a meu ver, as questões que abrem um novo caminho à filosofia contemporânea, que não a do prolongamento indefinido do “desconstrucionismo”.</p>
--	--

<p>Filosofia P. 238 Desconstrução liberar os espíritos ???</p>	<p>(...). Nesse ponto, a desconstrução, que desejava liberar os espíritos e quebrar as correntes da tradição, tornou-se, involuntariamente, sem dúvida, seu contrário: um novo servilismo – mais desencantado do que lúdico – à dura realidade do universo da globalização no qual mergulhamos.</p>
<p>P. 238 Heidegger Desconstrução</p>	<p>Para perceber isso plenamente, foi-me preciso descobrir o pensamento daquele que, na minha opinião, ainda é o principal filósofo contemporâneo, Heidegger. No entanto, ele também foi um dos fundadores da desconstrução.</p>
<p>P. 239 Heidegger Mundo da técnica Impossível Nietzsche</p>	<p>Ele é, pelo que entendo, o primeiro que soube dar ao mundo de hoje – que ele chama de “mundo da técnica”- uma interpretação que possibilitasse compreender por que é impossível permanecer na atitude nietzschiana, pelo menos se não quisermos nos tornar pura e simplesmente cúmplices de uma realidade que hoje assume a forma da globalização capitalista.</p>
<p>P. 239/240 Originalidade</p>	<p>(...). Mas a originalidade de Heidegger e de sua crítica ao mundo da técnica é que ele não se limita às críticas rituais do capitalismo e do liberalismo.</p>
<p>P. 240 Heidegger Globalização trai as promessas da democracia liberal</p>	<p>O que é certo, porém, é que Heidegger leva a compreender, é que a globalização liberal está traindo uma das promessas fundamentais da democracia: aquela segundo a qual poderíamos, coletivamente, fazer nossa história ou participar dela, interferir em nosso destino para tentar dirigi-lo rumo ao melhor. Ora, o universo no qual entramos não apenas nos escapa, mas se revela desprovido de sentido, na dupla acepção do termo: simultaneamente privado de significado e de direção.</p>
<p>P. 241 Competição globalizada Fatalidade</p>	<p>(...) na competição globalizada que hoje põe todas as atividades humanas num permanente estado de concorrência, a história se move longe da vontade dos homens. Ela se torna uma espécie de fatalidade e nada indica com certeza que se oriente para o melhor.</p>
<p>P. 241 Sem ideais Movimentos</p>	<p>(...). Conforme o desejo de Nietzsche, os ídolos morreram: de fato, nenhum ideal inspira mais o curso do mundo, só existe a necessidade absoluta do movimento pelo movimento.</p>
<p>P. 241 Transcendências desapareceram</p>	<p>(...), a transcendência dos grandes ideais humanistas de que Nietzsche zombava desapareceu mesmo – <i>de modo que em certo sentido, como pensa Heidegger, é seu programa que o capitalismo globalizado realiza perfeitamente.</i></p>
<p>P. 241/242 O problema do capitalismo Desapossa da história e da finalidade</p>	<p>O problema do capitalismo (...) é que ele nos <i>desapossa de qualquer influência sobre a história e priva de qualquer finalidade visível.</i> Desapossamento e absurdo são os dois termos que melhor o caracterizam – e, nesse ponto, segundo Heidegger, ele encarna perfeitamente a filosofia de Nietzsche, ou seja, um pensamento que assumiu como nenhum outro o programa da completa erradicação de todos os ideais e simultaneamente da lógica do sentido.</p>
<p>P. 242 O domínio da técnica</p>	<p><i>O surgimento do “mundo da técnica” segundo Heidegger: declínio da questão do sentido</i></p>
	<p>(...), o domínio da técnica, que para ele caracteriza o universo contemporâneo, é resultado, de processo que ganha força na ciência do século XVII para aos poucos abranger todos os campos da vida democrática.</p>
	<p>(...) da análise heideggeriana : aquela segundo a qual o projeto de dominação da</p>

<p>P. 242/243 Projeto de dominação</p>	<p>natureza e da história, que acompanha o nascimento do mundo moderno e que da sentido à idéia de democracia, vai se transformar em seu contrário perfeito.</p>
<p>P. 243 Ciência moderna Dominação</p>	<p>(...) com o aparecimento da ciência moderna, que, (...), rompeu inteiramente com a filosofia grega. Com ela, de fato, assistimos à emergência de um projeto de dominação da Terra, de controle total do mundo pela espécie humana.</p>
<p>P. 243 Física moderna Nada acontece sem razão explicações racionais</p>	<p>(...). A física moderna vai se fundamentar inteiramente no postulado segundo o qual <i>nada no mundo acontece sem razão</i>. Em outras palavras, tudo nele deve poder ser explicado em algum momento, racionalmente; todo acontecimento possui uma causa, uma razão de ser, e o papel da ciência é descobri-las, de modo que seu progresso se confunda com a erradicação progressiva do mistério que os homens da Idade Média acreditavam inerente à natureza.</p>
<p>P. 244 Ciência moderna Mundo da técnica Sem finalidade com a humanidade Projeto moderno</p>	<p>(...) no momento do nascimento da ciência moderna, não nos encontramos ainda no que Heidegger chama de “mundo da técnica” propriamente dito, quer dizer, um universo no qual a preocupação com os fins, com os objetivos últimos da história humana, vai desaparecer totalmente em benefício único e exclusivo da atenção aos meios. De fato, no racionalismo dos séculos XVII e XVIII, em Descartes, no enciclopedistas franceses ou em Kant, por exemplo, o projeto de um domínio científico do universo ainda possui um alcance emancipador.</p>
<p>P. 245 Compreender e servir-se...</p>	<p>(...). Não se visa dominar por dominar, mas para compreender o mundo e poder, ocasionalmente, <i>servir-se dele com vistas a atingir certos objetivos superiores que se reagrupam finalmente em torno de dois temas principais: liberdade e felicidade</i>.</p>
<p>P. 245 Século das Luzes Projeto científico Otimismo e crença no progresso Superstições Servidões</p>	<p style="text-align: center;"><i>Sobre a diferença entre a ciência moderna e a técnica contemporânea</i></p> <p>No século das Luzes, o projeto científico repousa ainda sobre dois credos, duas convicções que fundam o otimismo e a crença no progresso que então dominam os maiores espíritos.</p> <p>A primeira convicção é aquela segundo a qual a ciência vai nos permitir liberar os espíritos, <i>emancipar</i> a humanidade dos grilhões da superstição e do obscurantismo medieval. (...).</p> <p>A segunda é que o domínio do mundo vai nos libertar das servidões naturais e até mesmo revertê-las em nosso favor.</p>
<p>P. 246 Felicidade</p>	<p>(...) a idéia moderna de uma felicidade conquistada pela ciência, de um bem-estar possibilitado pelo domínio do mundo (...).</p>
<p>P. 246 Liberdade e felicidade</p>	<p>(...), é em relação a essas duas finalidades, liberdade e felicidade, que juntas definem o cerne da idéia de progresso, que o desenvolvimento das ciências aparece como o veículo de outro progresso, o da civilização.</p>
<p>P. 246 Visão tecnicista Mundo da competição Motor história</p>	<p><i>Para que nossa visão do mundo se torne plenamente tecnicista, é necessário, portanto, um passo a mais. É preciso que o projeto da Luzes se integre ao mundo da competição, “encaixado” nele, de modo que o motor da história, o princípio da evolução da sociedade, (...) não se associe mais à representação de um projeto, de um ideal, tornando-se o único e exclusivo resultado da própria competição.</i></p>
	<p style="text-align: center;"><i>A passagem da ciência à técnica: a morte dos grandes ideais ou o desaparecimento dos fins em proveito dos meios.</i></p> <p>(...). A economia moderna funciona como a seleção natural de Darwin: de acordo</p>

<p>P. 247 Economia moderna seleção natural</p>	<p>com uma lógica de competição globalizada, uma empresa que não progrida todos os dias é uma empresa simplesmente destinada a morrer. Mas o progresso não tem outro fim além de si mesmo, ele não visa a nada além de se manter no páreo com outros concorrentes.</p>
<p>P. 247 Aumento do poder sobre o mundo</p>	<p>(...) o aumento do poder dos homens sobre o mundo tornou-se um processo absolutamente automático, incontrolável e até mesmo cego, já que ultrapassa as vontades individuais conscientes. <i>É simplesmente o resultado inevitável da competição.</i></p>
<p>P. 247 Técnica processo sem propósito Mundo mecânico Perda da dimensão pública</p>	<p>(...), <i>a técnica é realmente um processo sem propósito, desprovido de qualquer espécie de objetivo definido: na pior das hipóteses, ninguém mais sabe para onde o mundo nos leva, pois ele é mecanicamente produzido pela competição e não é de modo algum dirigido pela consciência dos homens agrupados coletivamente em torno de um projeto, no seio de uma sociedade que, ainda no século passado, podia se chamar res publica, república: etimologicamente: “negócio”, ou “causa comum”.</i></p>
<p>P. 248 Técnica fenômenos sem limites</p>	<p>(...), <i>no mundo todo, já que a técnica é um fenômeno sem limites (...), porque é simplesmente impossível agir de modo diferente devido à natureza de sociedades animadas integralmente pela competição, pela obrigação absoluta de “progredir ou perecer”.</i></p>
<p>P. 248 A técnica concerne aos meios e não aos fins Instrumento</p>	<p>(...). Você deve, antes de tudo, observar que a técnica concerne aos <i>meios</i> e não aos <i>fins</i>. Quero dizer que ela é uma espécie de <i>instrumento</i> que se põe a serviço de todos os tipos de objetivos, mas que ela mesma não os escolhe: é essencialmente a mesma técnica que servirá ao pianista para tocar tão bem o clássico quanto o jazz, música antiga ou moderna, mas saber que obras ele vai escolher para interpretar não provém absolutamente da competição técnica.</p>
<p>P. 248 Racion. Instrum.</p>	<p>(...) a técnica é uma “racionalidade instrumental”, justamente porque nos diz como realizar do melhor modo um objetivo, <i>mas ela nunca o estabelece por si mesma.</i></p>
<p>P. 249 Tecnificação Vontade de poder de Nietzsche</p>	<p>(...). É exatamente isso, essa “tecnicização do mundo” que ocorre, segundo Heidegger, na história do pensamento, com a doutrina nietzschiana da “vontade de poder”, na medida em que desconstrói e até destrói todos os “ídolos”, todos os ideais superiores.</p>
<p>P. 249 Técnica</p>	<p>(...). <i>E é justamente esse desaparecimento dos fins em benefício apenas da lógica dos meios que constitui a vitória da técnica como tal.</i></p>
<p>P. 250 Temos a possibilidade técnica de destruir o planeta</p>	<p>(...). <i>Pela primeira vez na história da vida, uma espécie viva detém os meios de destruir todo o planeta; e essa espécie não sabe para onde vai! Seus poderes de transformação e, eventualmente, de destruição do mundo são, a partir de agora, gigantescos, mas como um gigante que tivesse o cérebro de um recém-nascido, eles estão totalmente dissociados de uma reflexão sobre a sabedoria – enquanto a própria filosofia apressada, tomada que está, também ela, pela paixão técnica.</i></p>
<p>P. 250 Medo – paixão democrática</p>	<p>(...), o ideal das Luzes atualmente cede lugar a uma inquietação difusa e multiforme, sempre pronta a se cristalizar nesta ou naquela ameaça particular, de modo que o medo tende a se tornar a paixão democrática por excelência.</p>
<p>P. 251</p>	<p>Inicialmente, a de que a atitude genealógica e a técnica são exatamente como pensa Heidegger, apenas duas faces da mesma moeda: a primeira é o duplo ideal, filosófico,</p>

<p>Genealogia e técnica</p> <p>P. 251 Ídolos e martelo Pensamento e capitalismo</p> <p>P. 251 Curso da história torna-se mecânico Anônimo</p> <p>P. 252 Ausência de poder Desconstruir Cumplicidade</p> <p>P. 253 A crise da filosofia dominada pela técnica</p> <p>P. 254 A crise das ciências e da filosofia</p> <p>P. 254 Competência</p> <p>P. 255 Pensar a vida boa e moral</p> <p>P. 255 Tudo pode se tornar objeto de erudição – ausência...</p> <p>P. 256 A filosofia pode ainda dizer Algo</p> <p>P. 256 Disciplina universitária</p> <p>P. 257</p>	<p>da segunda, que não é senão seu equivalente social, econômico e político.</p> <p>(...). No entanto, quebrando todos os ídolos com seu martelo, deixando-nos, a pretexto de lucidez, praticamente com pés e mãos atados ao real tal como ele é, seu pensamento serve, sem que ele o tenha desejado, ao incessante movimento do capitalismo moderno.</p> <p>(...). <i>O urgente não é mais se opor a “poderes”, a partir de agora raros, a tal ponto o curso da história tornou-se mecânico e anônimo, mas, ao contrário, fazer surgir novas idéias, ou mesmo novos ideais, a fim de se reencontrar um mínimo de poder no desenvolvimento do mundo.</i></p> <p>(...). Não é tanto o poder que incomoda, mas antes a ausência de poder – de modo que querer desconstruir ainda sempre os ídolos, procurar pela enésima vez derrubar o “Poder”, com P maiúsculo, não é mais tanto agir em função da emancipação dos homens, mas se tornar involuntariamente cúmplice de uma globalização cega e insensata.</p> <p>(...), a filosofia, dominada pela paixão da técnica, especializou-se em setores particulares; filosofia das ciências, da lógica, do direito, da moral, da política, da linguagem, da ecologia, da religião, da bioética, da história, das idéias orientais ou ocidentais, continentais ou anglo-saxônicas, de determinado período, de tal país...</p> <p>(...). Não apenas a filosofia é obrigada a imitar todo custo o modelo das ciências “duras”, mas também estas, por sua vez, se tornaram “tecnociências”, quer dizer, ciências freqüentemente mais preocupadas com os resultados concretos, econômicos e comerciais do que com questões fundamentais.</p> <p>(...) o filósofo, na verdade transformado em professor de filosofia, acabe adquirindo uma competência específica.</p> <p>(...) todos os grandes filósofos, de Platão a Nietzsche. Com efeito, nenhum deles chegou a renunciar a pensar na vida boa – nenhum decidiu acreditar que a reflexão crítica e moral fossem horizontes últimos do pensamento filosófico.</p> <p>(...), como dizia Hegel, “a erudição tem início com as idéias e termina com a imundície...”: tudo, qualquer coisa, pode se tornar objeto de erudição, as tampas dos potes de iogurte assim como os conceitos, de modo que a especialização técnica pode engendrar competências incontestáveis associadas à desoladora ausência de sentido.</p> <p>(...). Estou convencido de que a filosofia pode e deve ainda, na verdade mais do que nunca, devido ao fundo tecnicista no qual mergulhamos, sustentar a interrogação, não apenas sobre a <i>theoria</i> e a moral, mas insistir sobre questão da salvação, arriscando-se a renová-la de alto a baixo.</p> <p>Não podemos mais nos contentar com um pensamento filosófico reduzido ao estado de disciplina universitária especializada e não podemos mais nos prender apenas a lógica da desconstrução, como se lucidez corrosiva fosse um fim em si.</p> <p>(...), para quem não crê, para quem não quer se contentar com “voltas a”nem se fechar no pensamento “as marteladas”, é necessário aceitar o desafio de uma</p>
--	--

<p>Desafio de uma sabedoria</p> <p>P. 258 Fracasso do materialismo humanismo</p> <p>P. 258 André Comte-Sponville Humanismo</p> <p>P. 258 Esperar menos amar Mais</p> <p>P. 259 Esperar é um grande malogro</p> <p>P. 259 Frustração Impotência Características da esperança Carpe dien Aproveita o dia</p> <p>P. 260 Espiritualidade Materialista Spinoza/Nietzsc.</p> <p>P. 261 Beatitude</p> <p>P. 261 Imperativo do amor fati???</p> <p>P. 261 Humanismo E o problema da transcendência além da natureza E da história</p>	<p>sabedoria ou de uma espiritualidade pós-nietzschianas.</p> <p><i>Por que procurar pensar, depois da desconstrução, as bases de um humanismo livre dos “ídolos” da metafísica moderna? A derrota do materialismo</i></p> <p>(...) renovação do materialismo – que reúne o estoicismo, o budismo e o pensamento de Nietzsche -, porque, de alguma forma, como acabo de sugerir, é exatamente devido a seu fracasso que um novo humanismo deve, como que por oposição, ser pensado com novo empenho.</p> <p>No espaço da filosofia contemporânea, é sem dúvida André Comte-Sponville quem leva mais longe, com mais talento e vigor, a tentativa de fundar uma nova moral e uma nova doutrina da salvação com base na desconstrução radical das pretensões do humanismo à transcendência dos ideais.</p> <p>(...) André Comte-Sponville (...). “Esperar um pouco menos, amar um pouco mais” e, em sua opinião, a chave da salvação. Pois a esperança, ao contrário do que pensa o comum dos mortais, longe de nos ajudar a viver melhor, nos faz perder o essencial da vida, que deve ser abraçado aqui e agora.</p> <p>(...) André Comte-Sponville (...) “Esperar - diz ele – é desejar sem fruir, sem saber e sem poder”. Portanto, é um grande malogro e de modo algum uma atitude que dá, como se repete tantas vezes, gosto à vida.</p> <p>(...). Frustração, ignorância, impotência, são essas características maiores da esperança – nesse ponto, a crítica que ele faz da esperança se liga a uma espiritualidade que, como você se lembra, já tínhamos encontrado tanto no estoicismo como no budismo. (...) a doutrina da salvação materialista retoma naturalmente das sabedorias gregas a idéia do célebre <i>carpe diem</i> – “aproveita o dia de hoje”- dos Antigos, ou seja, a convicção de que só vale a pena viver a vida que se situa no aqui e no agora, na reconciliação com o presente.</p> <p>(...). Como na mensagem estóica, e da mesma forma, que em Spinoza e Nietzsche, é preciso chegar a amar o mundo; é preciso elevar-se até o <i>amor fati</i>, o que é também a palavra-chave do que poderíamos chamar, mesmo parecendo algo paradoxal, de “espiritualidade” materialista.</p> <p>(...), de Epicteto a Spinoza, os maiores foram obrigados a conceder: o sábio autêntico não é deste mundo, e a beatitude nos é, lamentavelmente, inacessível.</p> <p>(...). Mas que seja preciso amar em qualquer circunstância o real, parece-me simplesmente impossível, pra não dizer absurdo, e até obsceno. Que sentido pode ter o imperativo do <i>amor fati</i> em Auschwitz?</p> <p>(...), levando tudo isso em consideração, prefiro me engajar na via de um humanismo que tenha a coragem de assumir plenamente o problema da transcendência. Pois, no fundo, é disso que se trata: da incapacidade lógica em que nos encontramos de evitar a questão da liberdade tal como aparece em Rousseau e Kant – quer dizer, da idéia de que existe em nós algo que é como um excesso em relação à natureza e à história.</p> <p>(...) enquanto seres humanos <i>eles poderiam ter agido de outro modo, eles possuíam</i></p>
---	--

P. 261 Liberdade	<i>liberdade de escolha.</i>
P. 262	(...) humanos aos quais atribuo a capacidade de escolher entre possibilidades.
P. 263 Marx e Nietzsche Moralistas	(...). Começando por Marx e Nietzsche, os materialistas não se abastem nunca de julgar permanentemente a deus e o mundo, de pronunciar sentenças morais das quais, no entanto, sua filosofia deveria abster-se.
P. 263 Julgamentos de valor pressupõe liberdade	Para além da esfera moral, todos os julgamentos de valor, até o menor entre eles (...), supõem que você se pense livre, que você se represente como falando livremente e não como um ser transpassado por forças inconscientes que falariam por seu intermédio sem que você percebesse.
P. 264 Transcendência da liberdade Fora de nós	(...) existe não somente transcendência da liberdade, por assim dizer, <i>em nós</i> , mas também valores <i>fora de nós</i> : não somos nós que inventamos os valores que nos guiam e nos animam, não inventamos, por exemplo, a beleza da natureza e o poder do amor.
P. 264/265 Não podemos nos pensar	(...). Digo, o que é muito diferente, que não podemos dispensá-la, que não podemos nos pensar por nós mesmos, nem nossas relações com os valores, sem a hipótese da transcendência.
P. 265 Para além do materialismo	(...). Se sinto obrigado a ultrapassar o materialismo para tentar ir mais longe, é porque o considero “impensável”, no sentido literal, por demais cheio de contradições lógicas para que eu possa nele me instalar intelectualmente.
P. 265 Materialismo diz que não somos livres, mas afirma tal coisas livremente Contradições e revolução.	(...). O materialismo diz, por exemplo, que não somos livres, <i>mas está convencido, é claro, de que afirma tal coisa livremente, que ninguém o obriga de fato a fazê-lo, nem seus pais, nem seu meio social, nem sua natureza biológica.</i> Ele diz que somos inteiramente determinados por nossa história, <i>mas não deixa de nos convidar a nos emancipar dela, a mudá-la, a, se possível, fazer a revolução!</i> Ele diz que é preciso amar o mundo tal como ele é, reconciliar-se com ele, fugir do passado e do futuro para viver no presente, <i>mas como eu e você quando o presente nos pesa, não deixa de tentar mudá-lo na esperança de um mundo melhor.</i>
P. 266 Humanismo contemporâneo Como pensar a transcendência?	(...) a questão fundamental do humanismo contemporâneo: como pensar a transcendência sob suas duas formas, em nós (a da liberdade) e fora de nós (a dos valores), sem ficar sujeito à genealogia e a desconstrução materialista? (...), como pensar um humanismo que esteja, por fim, desembaraçado das ilusões metafísicas que ele ainda carrega consigo, por ocasião do nascimento da filosofia moderna?
	I. Theoria: rumo a um pensamento inédito da transcendência
P. 266 Humanismo Kant Husserl	(...), o humanismo pós-nietzschiano que tenho em mente aqui – cuja longa tradição mergulha as raízes no pensamento de Kant e desabrocha com um de seus maiores discípulos, Husserl, que escreveu a parte fundamental de sua obra no início o século passado – reabilita a noção de transcendência.
P. 267	(...), podemos distinguir três grandes concepções de transcendência.
P. 267 Humanismo	A primeira é a que os Antigos já mobilizavam para descrever o <i>cosmos</i>. Fundamentalmente, o pensamento grego é um pensamento da imanência, já que a ordem perfeita não é um ideal, um modelo que se situaria em outro lugar a

antigo Imanência	não ser no universo, mas ao contrário, uma característica totalmente encarnada nele.
P. 267 Transcendência Humanidade	(...). A palavra “transcendente” deve ser entendida aqui em relação à humanidade. Ela designa uma realidade que ultrapassa os homens, mas se situa no universo. A transcendência não está no céu, mas na terra.
P. 267 Monoteísmos	Uma segunda concepção da transcendência, inteiramente diferente e até mesmo oposta a primeira, aplica-se ao Deus dos grandes monoteístas.
P. 267/268 Transcendência Universo	(...). Trata-se, no caso, de uma transcendência que não se situa apenas em relação à humanidade como a dos gregos, mas também ao próprio universo concebido inteiramente como uma criação cuja existência depende de um Ser exterior a ela.
P. 268 Transcendência na Imanência	(...) uma terceira forma de transcendência (...). Ela já fixa raízes no pensamento de Kant, em seguida caminha até nós por intermédio da fenomenologia de Husserl. Trata-se do que Husserl, que gostava bastante do jargão filosófico, chamava de “transcendência na imanência”.
P. 268 Não saber absoluto Visível e Invisível	(...) não há onisciência, não há saber absoluto, pois todo visível (no caso, o visível é simbolizado pelas três faces expostas do cubo) se apresenta sempre sobre um fundo de invisível (as três faces escondidas). Em outras palavras, toda presença supõe ausência, toda imanência, uma transcendência escondida, toda doação de objeto, alguma coisa que se tira.
P. 269 Não é possível capturar uma entidade última Ser supremo	(...), de fundo em fundo, de horizonte em horizonte, você jamais consegue capturar nada eu possa considerar como uma entidade última, um Ser supremo ou uma causa primeira que garanta a existência do real em que mergulhamos. E é nisso que existe transcendência, alguma coisa que nos escapa sempre no seio daquilo que nos é dado, que vemos e tocamos, logo, no seio mesmo da imanência.
P. 269 Horizonte Mistério Consciência é pois limitada Por um Mundo Exterior	Por isso, a noção de horizonte, em virtude de sua mobilidade infinita, encerra, de algum modo, a de mistério. Como a do cubo, do qual nunca percebo todas as faces ao mesmo tempo, a realidade do mundo nunca me é dada na transparência e no domínio perfeitos, ou, em outras palavras: se nos limitamos à idéia da finitude humana, a idéia, como disse ainda Husserl, de que “toda consciência é consciência de alguma coisa”, de que toda consciência é, pois, limitada por um mundo exterior a ela e, conseqüentemente, nesse sentido finita é preciso admitir que o conhecimento humano não poderia nunca aceder à onisciência, eu não pode jamais coincidir.
P. 270 Verdade, justiça, beleza e amor Transcendentes	(...), considere os quatro grandes campos nos quais sobressaem valores fundamentais da existência humana: verdade, beleza, justiça e amor. Os quatro, não importa o que diz o materialismo, continuam fundamentalmente transcendententes para o indivíduo singular, para você, para mim e para todos.
P. 270	(...) não invento nem as verdades matemáticas, nem a beleza de uma obra.
P. 270 Transcendência dos valores	(...). A transcendência dos valores é, nesse sentido, bem real. Mas é dada na mais concreta experiência, não numa ficção metafísica, não em forma de um ídolo como um “Deus”, o “paraíso”, a “república”, o “socialismo”etc.
P. 271 Transcendência	Há, pois, transcendência. Mas por que na “imanência”? Simplesmente porque, desse ponto de vista, os valores não são mais impostos a nós

<p>na imanência Descobrimos a verdade de uma proposição A beleza...</p>	<p>em nome de argumentos de autoridade, nem deduzidos de alguma ficção metafísica ou teológica. Certamente descobro, não invento a verdade de uma proposição matemática, tanto quanto não invento a beleza do oceano ou legitimidade dos direitos do homem. Todavia, é em mim, e não em outro lugar, que elas se revelam.</p>
<p>P. 271 Valores</p>	<p>(...) valores que ao mesmo tempo me ultrapassam e, contudo, não estão em nenhum outro lugar, visíveis apenas no interior de minha própria consciência.</p>
<p>P. 273 Três idades do conhecimento Theoria grega Contemplação dos cosmos</p>	<p style="text-align: center;"><i>Sobre a theoria como auto-reflexão</i></p> <p>(...) três idades do conhecimento. A primeira corresponde à <i>theoria</i> grega. Contemplação da ordem divina do mundo, compreensão da estrutura do <i>cosmos</i>, ela não é como vimos, um conhecimento indiferente os valores ou, para utilizar a linguagem de Max Weber, o maior sociólogo alemão do século XIX, ela não é “axiologicamente neutra”- o que significa “objetiva, desinteressada ou desprovida de prevenção.</p>
<p>P. 273 Revolução científica moderna Ciência dizer o que as coisas são.</p>	<p>A segunda surge com a revolução científica moderna que assiste à emergência, contrariamente ao mundo grego, da idéia de um conhecimento radicalmente indiferente à questão dos valores. Aos olhos dos Modernos, não apenas a natureza não nos indicia mais nada no plano ético – ela não é mais modelo para os homens -, mas, além disso, a ciência autêntica deve ser absolutamente neutra no que diz respeito a valores, sob pena de ser partidária e de faltar com objetividade. Em outros temos: a ciência deve descrever <i>o que é</i>; ela não pode indicar o <i>o que deve ser</i>, o que devemos moralmente fazer ou não fazer.</p>
<p>P. 274 O genealogista O desconstruicn.</p>	<p>(...). O genealogista, o desconstrucionista, faz maravilhas quando se trata de furar balões da metafísica e da religião, quando se trata de quebrar com o martelo seus ídolos, mas, em se tratando dele mesmo, não há nada a fazer.</p>
<p>P. 274 Autocrítica e auto-reflexão</p>	<p>Uma terceira etapa vem, ao mesmo tempo, repor em questão e completar a segunda: a da autocrítica ou da auto-reflexão que caracteriza no mais alto grau o humanismo contemporâneo e pós-nietzschiano.</p>
<p>P. 275 Ciência no século XX Espírito crítico</p>	<p>(...), na segunda metade do século XX, ciência deixa de ser essencialmente dogmática e autoritária para começar e aplicar a si mesma seus próprios princípios, os do espírito crítico e da reflexão – os quais, de imediato, se tornam “autocrítica” e “auto-reflexão”.</p>
<p>P. 275</p>	<p>(...) a história pesa mais em nossas vidas quando a ignoramos.</p>
<p>P. 276 Problemática moral Valores superiores a Vida P. 278</p>	<p style="text-align: center;">II. Uma moral fundada na sacralização de outrem: a divinização do humano.</p> <p>Nietzsche compreendeu bem, (...) a problemática moral, em qualquer sentido em que seja compreendida e qualquer que seja o conteúdo que lhe seja dado, aparece no instante em que um ser humano proponha valores sacrificiais, valores “superiores à vida”. Há moral quando princípios nos parecem, com ou sem razão (...), tão elevados, tão “sagrados” que chegamos a considerar que valeria a pena arriscar ou mesmo sacrificar a vida para defendê-los. O sacrifício, que remete à idéia de valor <i>sagrado</i>, possui (...) uma dimensão que poderíamos chamar de quase religiosa. Ele implica, de fato, que se admita, mesmo</p>

Valores transcendentos Superiores P. 278 Formas novas de transcendências Enraizadas em seres no mesmo plano...	ocultamente, que existem valores transcendentos, já que superiores à vida material ou biológica. <i>(...), as transcendências de outrora – as de Deus, da pátria ou da revolução – não foram absolutamente substituídas pela imanência radical prezada pelo materialismo, pela renúncia ao sagrado e pelo sacrifício, mas sim por formas novas de transcendência, transcendências “horizontais” e não mais verticais: enraizadas em seres que estão no mesmo plano que nós, e não mais em entidades situadas acima de nossas cabeças.</i>
P. 278 Declaração dos direitos do homem	(...) Declaração dos Direitos do Homem não é nada mais – e Nietzsche também percebeu isso muito bem – do que um cristianismo “secularizado”- quer dizer, uma retomada do conteúdo da religião cristã sem que a crença em Deus seja por isso uma obrigação.
P. 279 Assumir riscos Não para defender entidades...	De outro lado, vivemos, sem dúvida alguma, um movimento inverso de divinização ou de <i>sacralização do humano</i> no sentido em que acabo de definir: agora é para o outro homem que podemos, eventualmente, aceitar assumir riscos, não para defender as grandes entidades de antigamente, como a pátria ou a revolução, porque ninguém acredita mais, como no hino cubano, que “morrer por ela é entrar na eternidade”.
P. 280 O humanitário Cristianismo	(...) o humanitário, nisso herdeiro do cristianismo, nos pede agora para tratar nosso próprio inimigo, quando reduzido a estado de ser humano inofensivo, como se fosse nosso amigo.
P. 280 Rosto humano	(...) mesmo tendo rosto humano, o sagrado, de fato, não deixa de subsistir, como subsiste a transcendência, embora alojada na imanência, no coração do homem.
	III. Repensar a questão da salvação: para que serve crescer?
P. 281	(...) <i>exigência do pensamento alargado, à sabedoria do amor e à experiência do luto.</i>
	<i>A exigência do pensamento alargado</i>
P. 281	(...), mas um novo modo de responder à questão do sentido da vida.
P. 281 Colocar-se no lugar de outrem Olhar sobre seus próprios juízos	(...), o pensamento alargado poderia ser definido, num primeiro momento, como aquele que consegue arrancar-se de si para se “colocar no lugar de outrem”, não somente para melhor compreendê-lo, mas também para tentar, num momento em que se volta para si, olhar seus próprios juízos do ponto de vista que poderia ser o dos outros.
P. 282 Distância	É o que exige a auto-reflexão (...) para que se tome consciência de si, é preciso situar-se à <i>distância de si mesmo</i> .
P. 282 Contemplar	(...), o espírito alargado consegue, assumindo tanto quanto possível o ponto de vista de outrem, contemplar o mundo como espectador interessado e benevolente.
P. 282 Sentido à vida	Ora, é também esse processo de humanização que dá sentido à vida e que, na acepção quase teológica do termo, a “justifica” na perspectiva do humanismo.
P. 284 Significado	Nenhuma rejeição, nenhuma renúncia às peculiaridades de origem. Apenas um distanciamento, uma ampliação (...) ele possui um significado humano universal que, para além de particularidade da trajetória, pode comover e levar a refletir todos os

<p>humano Universal</p> <p>P. 285 Sentido Secularização Pensamento...</p> <p>P. 285 Envelhecer? Ampliar a visão.</p> <p>P. 287 Obra de caráter mundial</p> <p>P. 288 O singular e o universal Objeto de amor</p> <p>P. 288 Lógica e individualidade</p> <p>P. 289 Obra de arte Singularidade Individualidade</p> <p>P. 289 Singularidade Pensamento alargado Experiências Humanidade</p> <p>P. 289 Singularidade Arte</p> <p>P. 292 Singularidade além do particular e do universal</p> <p>P. 293 Amar no outro a singularidade que o distingue</p>	<p>seres humanos.</p> <p>(...). A problemática do sentido é uma secularização dessa equivalência bíblica: se conhecer e amar são uma só coisa, então, o que acima de tudo dá sentido a nossas vidas, ao mesmo tempo orientação e significado, é exatamente o ideal do pensamento alargado.</p> <p>Para que serve envelhecer? Para isso, e talvez para mais nada. Para alargar a visão, aprender a amar a singularidade dos seres assim como a das obras e às vezes, quando esse amor é intenso, viver a supressão do tempo que sua presença nos dá.</p> <p style="text-align: center;"><i>A sabedoria do amor</i></p> <p>(...) o acesso da obra a um patamar mundial não se obtém ultrajando-se as características de sua origem, mas aceitando-se o fato de que ela parte delas e delas se nutre para <i>transfigurá-las</i> no espaço da arte.</p> <p>(...) é crucial para perceber como o amor dá sentido, é que entre as duas realidades, o particular e esse universal que se confunde, a rigor, com a própria humanidade, existe lugar para o meio-termo: o singular ou o individual, ora, é este, só este, o objeto de nosso amor e o portador de sentido.</p> <p>Se lógica clássica, desde a Antigüidade grega, designa pelo nome de “individualidade” uma particularidade que não se prendeu apenas ao particular, mas se fundiu num horizonte superior para aceder ao universal.</p> <p>(...). A obra de arte digna do nome não é nem o artesanato local nem o universal descarnado e inosso que o resultado de uma pesquisa científica pura representa. E é isso, essa singularidade, essa individualidade nem apenas particular, nem inteiramente universal, que amamos nela.</p> <p>(...) singularidade pode se ligar diretamente ao ideal do pensamento alargado: <i>afastando-me de mim mesmo para compreender o outro, alargando o campo de minhas experiências, eu me singularizo, já que ultrapasso ao mesmo tempo o particular de minha condição de origem para aceder, se não à universalidade, pelo menos ao reconhecimento cada vez maior e mais rico das possibilidades que são da humanidade inteira.</i></p> <p>(...) a singularidade não é somente característica primeira dessa “coisa” exterior a mim que é a obra de arte, mas também uma dimensão subjetiva, pessoal, do ser humano. <i>E é essa dimensão, e não as outras, que é o objeto de nosso amor.</i></p> <p>(...) só a singularidade, que ultrapassa ao mesmo tempo o particular e o universal, pode ser objeto de amor.</p> <p>Se nos prendemos apenas às qualidades particulares/gerais, nunca amamos verdadeiramente ninguém e, nesse aspecto, Pascal tem razão.</p> <p>O que amamos nele (...) e que, conseqüentemente, devemos alimentar tanto em relação ao outro quanto em nós mesmos, não é nem a particularidade nem as qualidades abstratas (o universal), mas a singularidade que o distingue e o torna sem igual.</p> <p>E essa singularidade (...). Ela se constrói de mil maneiras, sem que tenhamos sempre</p>
---	--

<p>P. 293 Mil maneiras de ser singular</p> <p>P. 293 Abertura ao universal</p> <p>Experiência singular em nossa vidas</p>	<p>consciência, longe disso. Ela se forja ao longo da existência, da experiência, e é exatamente por isso que é insubstituível.</p> <p>Se o desapego ao particular e à abertura universal constitui uma experiência singular, se esse duplo processo ao mesmo tempo singulariza nossas vidas nos dá acesso à singularidade dos outros, ele nos oferece, junto com o meio de alargar o pensamento, o de pô-lo em contato com momentos únicos, momentos de graça dos quais o temos da morte, sempre ligada às dimensões do tempo exteriores ao presente se ausenta.</p>
<p>P. 294 Luto</p>	<p style="text-align: center;"><i>O luto de ser amado</i></p> <p>Em minha opinião, existem três modos de pensar o luto de uma pessoa que amamos, três modos de enfrentá-lo.</p>
<p>P. 295 Sabedoria é o não apego</p>	<p>(...) estar <i>apegado</i> é estar <i>ligado</i>, não livre, e, se quisermos nos libertar dos laços que o amor tece, precisamos exercitar o mais cedo possível essa forma de sabedoria que é o não-apego.</p>
<p>P. 296 Sabedoria do amor</p>	<p>Então, o que fazer senão esperar pela catástrofe, pensando o menos possível?</p> <p>Talvez nada, de fato, mas talvez também, apesar de tudo, desenvolver sem ilusão, em silêncio, só para si mesmo, uma espécie de “sabedoria do amor”.</p>
<p>P. 299 Pensamento Alargado</p>	<p style="text-align: center;">A título de conclusão...</p> <p>A noção de pensamento alargado sugere uma outra via.</p> <p>Afastando-se da escolha entre um pluralismo de fechada e a renúncia de suas próprias convicções, ele sempre nos convida a resgatar o que uma visão de mundo diferente da sua pode ter de verdadeiro, aquilo que pode nos levar a compreendê-la, ou mesmo a assumi-la em parte.</p>
	<p style="text-align: center;">Fim</p>